

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

ISABEL CRISTINA ALVES CARDOSO LAMANA

**PERSPECTIVAS E DESAFIOS SOBRE A TEMÁTICA CONSUMISMO INFANTIL:  
OS OLHARES DE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

São Carlos-SP

2020

ISABEL CRISTINA ALVES CARDOSO LAMANA

**PERSPECTIVAS E DESAFIOS SOBRE A TEMÁTICA CONSUMISMO INFANTIL:  
OS OLHARES DE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Juliana Rink.

São Carlos-SP  
2020

**Lamana, Isabel Cristina Alves Cardoso**

**Perspectivas e desafios sobre a temática consumismo infantil: os olhares de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental / Isabel Cristina Alves Cardoso  
Lamana -- 2020.  
85f.**

**Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos  
Orientador (a): Juliana Rink  
Banca Examinadora: Márcia Regina Onofre, Alessandra Aparecida Viveiro  
Bibliografia**

**1. Consumismo Infantil. 2. Educação Ambiental. 3. Práticas Pedagógicas. I. Lamana, Isabel Cristina Alves Cardoso. II. Título.**

**Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)**

**DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR**

**Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Isabel Cristina Alves Cardoso Lamana, realizada em 27/07/2020.

**Comissão Julgadora:**

Profa. Dra. Juliana Rink (UFSCar)

Profa. Dra. Marcia Regina Onofre (UFSCar)

Profa. Dra. Alessandra Aparecida Viveiro (UNICAMP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.  
O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação.

*Dedico este trabalho ao meu filho, minha inspiraçaõ,  
meu maior tesouro.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus agradeço pela minha Vida.

Aos meus pais, Walter e Maria Aparecida, que sempre me educaram com muito amor, ensinando-me os valores mais preciosos e torcendo sempre para a realização dos meus sonhos. Obrigada por cuidarem do meu filho, para que eu pudesse cursar as disciplinas exigidas por esse curso.

Ao meu marido Marcelo, pelo amor e paciência entendendo o meu compromisso com o mestrado.

Ao meu filho Gabriel, pela sua presença iluminada em minha vida e por me ensinar a amar incondicionalmente. Peço também desculpas pela minha impaciência em alguns momentos e pela falta de atenção, pois eu tinha que “escrever”.

À minha querida orientadora, Prof.<sup>a</sup> Juliana Rink, que tornou meu sonho possível e acreditou no meu projeto. Obrigada pela sua paciência, dedicação, respeito, sabedoria, delicadeza, por entender minhas limitações e por estar sempre muito presente no decorrer dessa pesquisa. Agradeço muito a Deus ter me dado você como orientadora.

Às professoras que fizeram parte da banca, Dra. Marcia Regina Onofre e Dra. Alessandra Aparecida Viveiro pelas valiosas contribuições para o aprimoramento desta pesquisa.

À minha amiga Prof.<sup>a</sup> Dra. Regimar Machado, por me incentivar a tentar uma vaga no mestrado e por me fazer acreditar que esse sonho seria possível.

Ao amigo Prof. Dr. Paulo Rogério, pela grande ajuda com a Plataforma Brasil.

À minha sobrinha Juliana Martinez, por me ajudar com algumas formatações.

À minha diretora Hellen, muito competente e prestativa, e seu marido Diego, que muito me ajudaram com as correções ortográficas desta pesquisa.

Aos professores do Mestrado Profissional, que muito me enriqueceram com seus conhecimentos, proporcionando grandes reflexões e aprendizagem.

Aos meus colegas do mestrado, pelos momentos que passamos, nossos desabafos, momentos de descontração e pelas trocas de experiências.

À Diretoria de Ensino de São Carlos, por autorizar a realização desta pesquisa nas unidades escolares participantes.

Às professoras e gestoras, que prontamente aceitaram participar deste estudo.

À Capes, pelo financiamento do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação – PPGPE – UFSCar.

*“Não somos ricos pelo que temos, e sim pelo que não precisamos ter”.*

*Immanuel Kant*

## RESUMO

A educação para um consumo consciente e para responsabilidade socioambiental deveria estar presente nas práticas pedagógicas desenvolvidas durante o Ensino Fundamental. Contudo, esse tema ainda é pouco presente nas escolas. O objetivo desta pesquisa foi investigar e caracterizar o trabalho com a temática consumismo infantil nas práticas pedagógicas de professoras dos anos iniciais de escolas de São Carlos-SP. Metodologicamente, envolveu pesquisa de campo e contou com o diário da pesquisadora, análise de documentos e entrevistas semiestruturadas. Participaram da pesquisa duas gestoras e cinco professoras efetivas do 5º ano de escolas convidadas. A técnica escolhida para analisar os dados foi a análise de conteúdo e as categorias emergentes foram: "o conceito de consumismo infantil" e "o lugar da temática consumismo infantil no trabalho das professoras". Sobre a primeira, as análises indicam que todas as professoras e gestoras já tinham ouvido falar sobre o consumismo infantil, entretanto demonstraram diferentes visões sobre o conceito. Em relação ao lugar da temática no trabalho cotidiano das professoras, a maioria declarou observar situações consumistas entre os alunos, mas o trabalho com a temática é realizado de modo esporádico e pontual ao longo do ano letivo. Alguns fatores ligados a isso são o sentimento de falta de preparo para inserir o assunto junto às crianças e a ausência de tempo, diretamente ligada à prioridade dada aos conteúdos de português e matemática nos anos iniciais. Não identificamos projetos específicos sobre consumismo nessas escolas e, ainda que existam projetos ligados à temática ambiental de modo mais amplo, tais práticas são ligadas à reciclagem e/ou seguem especificamente as propostas do material didático. Contudo, apesar do estudo indicar a ausência de um trabalho regular sobre consumismo infantil nas realidades investigadas, todas as participantes reconhecem a importância de discutir o tema junto às crianças. Esperamos que esse trabalho contribua para a discussão das práticas pedagógicas dos anos iniciais em relação ao consumo consciente e fomente novas pesquisas sobre o tema.

**Palavras-chave:** Consumismo Infantil. Consumo. Educação Ambiental. Práticas Pedagógicas. Anos Iniciais do Ensino Fundamental.



## ABSTRACT

Education for a conscious consuming and for a socio-environmental responsibility should be present in pedagogical practices developed during Elementary School. However, this theme is still absent in schools. This research aimed to investigate and characterize the teaching process with “child consumerism” topic in pedagogical practices of teachers from early years education in São Carlos-SP. Methodologically it involved field research that included the researcher's diary, documental analysis and semi-structured interviews. Two managers and five effective teachers from the 5th grade participated in the research. Data analysis was performed using the content analysis technique and the emerging categories were "the concept of child consumerism" and "the place child consumerism in the teacher's work". About the first, the analyzes indicate that all teachers and managers had already heard about child consumerism, however they showed different views on the concept. Regarding the place of the theme in the teachers' daily work, the majority declared observing consumerist situations among students, but the work with the theme is carried out sporadically and punctually throughout the academic year. Some factors related to this are the feeling of lack of preparation to include the subject with children and the lack of time, directly linked to the priority given to the contents of Portuguese and Mathematics in the early years. We didn't identify specific projects on consumerism in these schools and, although there are projects linked to the environmental theme in a more broad sense, such practices are linked to recycling and/or specifically follow the teaching materials. However, although the study indicates the absence of regular work on child consumerism in the investigated realities, all participants recognize the importance of discussing the topic with children. We expect that this work will contribute to the discussion of the pedagogical practices of the early years in relation to conscious consumption and encourage new research on the topic. The results also point to the absence of projects about this theme in schools, although there are some projects related to the environmental theme in a broader way. In this sense, our study indicates the absence of a regular work about child consumerism in the investigated realities. When existing, such practices are associated with recycling and/or specifically follow the proposals of the teaching material. There is a lack of documents and some curricular proposals that guide them to work on Environmental Education. We hope this work can contribute to the discussion of pedagogical practices of the early years of education, as well as with the promotion of new researches about this topic.

**Keywords:** Child Consumerism. Consumption. Environmental Education. Pedagogical Practices. Elementary School.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Resultado da revisão bibliográfica, conforme os periódicos: Pesquisa em Educação Ambiental, Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA). .....	35
Quadro 2: Trabalhos selecionados para a revisão bibliográfica, disponibilizados pelo Projeto EArte (Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil).....	38
Quadro 3: Resultado dos trabalhos encontrados no Google Acadêmico, conforme palavras-chave utilizadas na busca. ....	42
Quadro 4: Listagem dos trabalhos incluídos na revisão bibliográfica. ....	43
Quadro 5: Organização do roteiro de entrevista para as professoras. ....	50
Quadro 6: Organização do roteiro de entrevista para as gestoras.....	51
Quadro 7: Caracterização geral das participantes da pesquisa. ....	55

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Práticas ligadas ao consumo consciente. ....	27
---------------------------------------------------------	----

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>ATPC</b>	Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo
<b>BNCC</b>	Base Nacional Comum Curricular
<b>CEP</b>	Comitê de Ética em Pesquisa
<b>CONIC</b>	Congresso Nacional de Iniciação Científica
<b>EA</b>	Educação Ambiental
<b>EF</b>	Ensino Fundamental
<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>ONG</b>	Organização Não Governamental
<b>PCNs</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PPP</b>	Projeto Político Pedagógico
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão de Curso
<b>UFSCar</b>	Universidade Federal de São Carlos

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	18
1.1 Consumo e consumismo infantil: algumas considerações .....	18
1.2 Educação para o consumo e consumismo infantil.....	24
1.3 A temática consumismo na formação docente .....	29
<b>2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	34
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	47
<b>4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	55
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	70
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	73
APÊNDICE 1 - Roteiro de entrevistas das docentes e da equipe gestora .....	80
APÊNDICE 2 - TCLE .....	82

## INTRODUÇÃO

Desde muito pequena gostava de brincar de professora. Minha mãe sempre achava estranho nunca pedir bonecas de presente, mas lousa e giz (o qual ela não vencia comprar). Passava as tardes escrevendo “lições” e pensava que um dia eu iria escrever em uma lousa grande como a da minha escola. Muitas professoras que tive me serviram de inspiração, exemplos de como a docência era gostosa e gratificante.

Quando adolescente, minha mãe pediu para que eu fizesse um curso de secretariado. Assim, meu primeiro emprego foi de secretária. Mas alguns anos mais tarde isso mudou.

Depois de me casar em 1998, comecei a fazer um curso de inglês, o que me possibilitou no ano de 2000 um intercâmbio por um mês para estudar na Inglaterra. Quando voltei, comecei a dar aulas em uma escola particular de educação infantil como professora de inglês. Resolvi, então, em 2001 começar a faculdade de Pedagogia.

Os anos como professora nessa escola me trouxeram a possibilidade de desenvolver meu trabalho de conclusão de curso na Pedagogia, intitulado “O comportamento consumista de crianças em idade escolar e sua relação com as influências televisivas”, cujo objetivo foi analisar o comportamento consumista em alunos da rede de ensino público e privado (4ª ano).

Essa pesquisa mostrou como as crianças estão cada vez mais influenciadas a consumir, que a televisão, mesmo de forma camuflada, é um dos principais agentes de influência ao consumo, e por meio de propagandas enganosas provoca a atração por produtos “milagrosos”, favorecendo o consumismo desenfreado das crianças, que se tornam objetos do mercado capitalista (LAMANA; FERNANDES, 2005).

Em seguida, iniciei cursos de especialização, como: Psicopedagogia Institucional e Clínica e Educação Infantil, realizados nos anos de 2008 e 2010. Assim, durante muitos anos atuei como professora em escolas particulares e em uma ONG que preparava o adolescente para o mercado de trabalho.

No ano de 2009, assumi o cargo de professora efetiva de Educação Infantil da rede municipal de São Carlos, função que assumo até hoje.

Cursar o mestrado era um sonho desde que terminei a faculdade de Pedagogia, ou pensando melhor, era um sonho desde pequena, mas por muitos motivos isso foi se adiando e parecia que nunca iria se concretizar. A vontade de continuar os estudos, de aprender e de

pesquisar sempre esteve presente na minha cabeça. Faltava algo, mas tudo parecia estar muito longe de mim. Tentei duas vezes uma vaga no mestrado e não consegui. E foi no ano de 2018 que concorri a uma das vagas do Mestrado Profissional em Educação pela UFSCar e, assim, Deus e minha querida orientadora Prof.<sup>a</sup> Juliana Rink fizeram esse sonho se tornar realidade, e dessa forma dar continuidade em explorar a temática consumismo infantil.

Desta maneira, diante da minha realidade profissional e acadêmica, acredito que o ser humano, por meio de uma exploração desenfreada, gera resíduos de toda espécie e sem cuidados. Isto têm causado diversos impactos ambientais, levando à escassez de recursos que certamente poderão afetar toda a sociedade.

Conforme Bissaco *et al.* (2015):

O cenário de uso desenfreado de recursos naturais e de desigualdade social é resultante de uma economia de acumulação que, por sua vez, é alimentada por uma sociedade que valoriza o consumo desnecessário como padrão de qualidade de vida (BISSACO *et al.*, 2015, p. 210).

Por conseguinte, é notório que as pessoas querem consumir mais e mais para satisfazerem suas necessidades e caprichos.

Segundo Taschner (2009), o consumo se transformou em elemento de competição social por status. Entretanto, as pessoas se esquecem de que a natureza não trabalha em função de uma sociedade de consumo. Os recursos são finitos, e o que se tem em abundância agora pode não mais estar disponível para as próximas gerações.

Bauman (2008) esclarece a diferença entre consumo e consumismo, sendo o consumo uma necessidade do ser humano, que está implícita nele e é essencial para sua sobrevivência. Já o consumismo, para o autor, é uma consequência de vontades, desejos e anseios, ou seja, é uma característica da sociedade capitalista.

Vivendo em um mundo marcado pelo capitalismo, notamos a presença constante de mercadorias, veiculadas no cotidiano populacional, no consumo de materiais e equipamentos tecnológicos como a TV, os celulares, os tablets, os jogos eletrônicos. Isso inevitavelmente nos leva a uma preocupação com o envolvimento da criança nesse universo consumista.

Oliveira (2015) aponta que, diante da necessidade iminente de preservação do planeta e da crescente desigualdade social, se faz necessária uma educação para o desenvolvimento de práticas de consumo que freiem, ou pelo menos minimizem, as consequências da lógica criada

pelo sistema capitalista. Segundo a autora, “(...) os indivíduos são levados a consumirem o mais que puderem a partir da crença na abundância que está assentada sobre o postulado do crescimento econômico infinito, embora os recursos naturais sejam limitados” (OLIVEIRA, 2015, p. 47).

Castro (1998) ressalta que o consumismo está cada vez mais implícito em nosso dia a dia, situação na qual a criança e o adolescente vivem em um cenário social que os tornam cada vez mais consumidores e atraídos pelos produtos que sonham ter, pois são alvos fáceis e vulneráveis. Castro (1998) completa que:

A infância é objeto das projeções que coletivamente sustentam um projeto de sociedade. Entretanto, na medida em que este projeto se dissolve no bojo da crença de que a felicidade é uma mercadoria, que se torna, por sua vez, o lema do contrato social, então, a infância deixa de sustentar as projeções do sonho, da utopia, da redenção do presente por um mundo melhor (Castro, 1998, p. 199).

Barlem *et al.* (2006), ressaltam que é papel da família e da escola esclarecer sobre o que é sugerido pela mídia, despertando nas crianças um olhar crítico. Muitas vezes, o conteúdo midiático é impróprio e as crianças não são capazes de avaliar e compreender as manipulações consumistas. A televisão pode, assim, consistir em uma grande ameaça à autoridade imposta pela família e pela escola, contribuindo ou reafirmando valores sociais.

A criança está inserida em uma infância tecnológica, na qual as informações são muito rápidas. Desta maneira, também para Sommer e Schimidt (2010), a família e a escola devem estar atentas, pois são apresentadas a essas crianças “modelos” de vida nos quais elas podem se identificar. Assim, se faz necessário um olhar mais cuidadoso para o mundo infantil e seus paradigmas, incluindo a questão do consumo.

Segundo Lamana e Fernandes (2005), esse é um tema de grande relevância diante do cenário de uma sociedade capitalista e consumista, onde, cada vez mais, tudo que se vê, se deseja comprar, sem se preocupar com as consequências ambientais. Vem se fortalecendo uma tendência materialista segundo a qual o que se tem parece mais importante do que aquilo que se é. Tal tendência, nem sempre clara e explícita, contamina comportamentos e valores, especialmente daqueles que são mais suscetíveis, como, por exemplo, as crianças, que muitas vezes acabam por acreditar que serão mais felizes se tiverem tudo aquilo que desejam (LAMANA; FERNANDES, 2005).

É nesse aspecto que para Echeverría *et al.* (2009) a consciência ambiental se faz



necessária. Crianças e jovens precisam de orientação para um conhecimento reflexivo e questionador, assim como necessitam assumir responsabilidades com o futuro do planeta. Nesse sentido, a Educação Ambiental não pode ser tratada simplesmente como transmissão de conteúdo, ela deve ter orientações políticas e teóricas para que seu efeito seja transformador e desperte a consciência da cidadania crítica nos educandos.

Para Layrargues e Lima (2014, p. 26) o surgimento da Educação Ambiental está ligado ao “(...) contexto de uma crise ambiental reconhecida no final do século XX, e estruturou-se como fruto da demanda para que o ser humano adotasse uma visão de mundo e uma prática social capazes de minimizar os impactos ambientais”. Os autores discutem que a Educação Ambiental se expressa em três macrotendências: a conservacionista (vinculada à ecologia, apresenta uma relação afetiva referente à natureza, e também propõe mudanças de comportamento sobre o ambiente); a pragmática (aborda a educação para o desenvolvimento sustentável, se preocupa com o aumento dos resíduos sólidos, propondo o consumo verde evidenciando seu aspecto socioambiental) e a crítica (propõe uma visão crítica dos fundamentos de predominância das pessoas e dos modos de concentração do capital, bem como o confronto político das desigualdades e da injustiça socioambiental, se preocupando com as transformações que emergem da sociedade moderna e que afetam diretamente o ambiente) (LAYRARGUES, LIMA, 2014).

Compreendemos desta maneira a importância do trabalho com a Educação Ambiental no âmbito escolar, em especial na sua macrotendência crítica conforme Layrargues e Lima (2014):

Por essa perspectiva complexa torna-se não só possível como necessária a incorporação das questões culturais, individuais e subjetivas que emergem com as transformações das sociedades contemporâneas, a ressignificação da noção de política, a politização da vida cotidiana e da esfera privada, expressas nos novos movimentos sociais e na gênese do próprio ambientalismo. As dimensões política e social da educação e da vida humana são fundamentais para sua compreensão, mas elas não existem separadas da existência dos indivíduos, de seus valores, crenças e subjetividades (LAYRARGUES; LIMA, 2014, p. 33).

Assim, segundo Nunes e Bomfim (2017), em uma prática voltada para a Educação Ambiental crítica, devemos discutir e considerar o rompimento entre o ser humano e a natureza, e destacar o modo de produção capitalista, ou seja, a exploração excessiva dos recursos naturais à concepção de falsas necessidades que contribuem muito para a destruição do ambiente e das relações humanas. Diante dessa perspectiva, autores como Castro e

Spazziani (1998, p. 195) reconhecem que a Educação Ambiental é essencial para oportunizar mudanças na humanidade, proporcionando “(...) o desenvolvimento de hábitos e atitudes saudáveis de conservação ambiental e respeito à natureza, a partir do cotidiano de vida da escola e da sociedade”.

Nessa perspectiva, Oliveira *et al.* (2009, p. 1) relatam os processos educativos nas práticas sociais estabelecidas com as outras pessoas: “(...) eu me construo enquanto pessoa no convívio com outras pessoas; e, cada um ao fazê-lo, contribui para a construção de “um” nós em que todos estão implicados”.

Destarte, Franco (2016) nos esclarece a respeito das práticas pedagógicas:

Quando se fala em prática pedagógica, refere-se a algo além da prática didática, envolvendo: as circunstâncias da formação, os espaços-tempos escolares, as opções da organização do trabalho docente, as parcerias e expectativas do docente. Ou seja, na prática docente estão presentes não só as técnicas didáticas utilizadas, mas, também, as perspectivas e expectativas profissionais, além dos processos de formação e dos impactos sociais e culturais do espaço *ensinante*, entre outros aspectos que conferem uma enorme complexidade a este momento da docência (FRANCO, 2016, p. 542, grifo do autor).

Com base no cenário até então exposto, nos questionamos sobre o panorama das pesquisas em Educação Ambiental que envolveram práticas pedagógicas nos anos iniciais do Ensino Fundamental e que lidaram com a temática de nosso interesse. Nosso primeiro exercício de busca sistematizada foi feito em agosto de 2019, em quatro periódicos especializados da área, englobando o período entre (2015-2019), a partir dos termos-chave “consumismo” e “consumo”. Após leitura dos estudos e aplicação dos critérios de seleção, chegamos a um total de 4 artigos. Em um segundo momento, fizemos um levantamento no Banco de dados do Projeto EArte (Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil, disponível em: <http://www.earte.net>), considerando o período de 1981-2016 e usando as palavras-chave “consumismo” e “consumo”, selecionando estudos que fossem referentes às práticas pedagógicas nos anos iniciais. Isso nos retornou 1 tese e 4 dissertações sobre o tema. Já no início de 2020, estendemos nossas buscas à plataforma Google Acadêmico (disponível em: <https://scholar.google.com.br/>), utilizando dois conjuntos de palavras-chave: “consumismo infantil” “Educação Ambiental” “Ensino Fundamental” e “consumismo infantil” “Educação Ambiental” “Educação Infantil” com um recorte temporal de 2016-2020. Obtivemos depois dos filtros, 5 trabalhos. Embora os resultados da revisão sejam retomados com maior detalhamento na seção subsequente desta pesquisa, vale ressaltar que ainda há poucos trabalhos que investigam práticas pedagógicas escolares nos anos iniciais do EF, com

foco na temática consumismo infantil.

É importante pensar essa temática nas práticas pedagógicas, ou seja, como o professor está lidando com o consumismo em sala de aula e se o assunto integra cursos de formação inicial e continuada docente. Nesse sentido, consideramos a necessidade cada vez maior de discussões sobre o tema, levando em conta a trajetória da autora deste estudo estando inserida no âmbito escolar por tantos anos e presenciado por várias vezes atitudes consumistas nos alunos. Dessa forma, entender o olhar de professores diante dessa situação tornou-se um elemento disparador para a realização desta pesquisa de mestrado. Assim, esta pesquisa buscou responder **quais as perspectivas e desafios do trabalho com a temática consumismo infantil no cotidiano escolar de professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas da rede estadual de São Carlos-SP, na perspectiva da Educação Ambiental Crítica?**

E o objetivo geral foi **investigar e caracterizar o trabalho com a temática consumismo infantil nas práticas pedagógicas de professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental de São Carlos-SP.**

Esta dissertação está estruturada em cinco seções. Após esta introdução, a primeira seção apresenta a fundamentação teórica do trabalho que discorre sobre consumo e consumismo infantil, educação para o consumo e consumismo infantil a temática consumismo na formação docente. A seção seguinte traz uma revisão bibliográfica sobre consumo e consumismo nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A terceira seção apresenta os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, as etapas de realização e a técnica de análise de dados. Já a quarta aborda a apresentação e discussão dos resultados coletados junto às gestoras e professoras das escolas participantes da pesquisa, e; por fim, a última seção com as considerações finais sobre a pesquisa.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção será apresentado o aporte teórico sobre a sociedade de consumo, o conceito de consumo e consumismo infantil, além de documentos legais para se trabalhar o consumo consciente e a Educação Ambiental. Por conta dos desdobramentos da pesquisa, julgamos necessário também apresentar conceitos sobre a formação docente e a sua relação com essas discussões.

### 1.1 Consumo e consumismo infantil: algumas considerações

Segundo Silva (2014), consumir é preciso para viver e faz parte do cotidiano humano, é o que é necessário para satisfazer nossas necessidades essenciais, ou seja, o consumo está ligado à nossa subsistência. Assim, o consumo seria realizado essencialmente para alimentação, habitação, higiene pessoal e para a manutenção da casa. Entretanto, partir do século XVIII, estabeleceu-se um sistema econômico que passou a priorizar a produção e o lucro em detrimento da ética e dos valores humanos (SILVA, 2014). Tal perspectiva de mercado culminou num significativo aumento de empregos no setor de serviços. Dessa maneira, para a autora, as pessoas passaram a consumir mais, emergindo então uma nova sociedade, que passou a receber várias nomenclaturas, tais como: sociedade capitalista, moderna, de mercado, de consumo, consumista, das celebridades, da informação e outras (SILVA, 2014). Segundo Canclini (2006):

As transformações constantes nas tecnologias de produção, no design de objetos, na comunicação mais extensiva ou intensiva entre sociedades – e o que isto gera em relação à ampliação de desejos e expectativas – tornam instáveis as identidades fixadas em repertórios de bens exclusivos de uma comunidade [...] (CANCLINI, 2006, p. 30).

Para Codo (1995), o sistema capitalista se pauta na mercadoria e no lucro, procurando fazer com que o valor gere sempre mais valor. Desta maneira, a industrialização da sociedade implica numa contribuição entre atividades de produção e de consumo, de modo que, visando maior produtividade, a indústria se volta para a produção em série (o que obriga as fábricas a investirem como nunca em publicidade, concorrendo pelos consumidores).

Visando provocar artificialmente a “necessidade” da compra, as fábricas não só

lançam um produto (produzindo mercadorias), mas também “produzem” o consumidor, bem como um estilo de vida que deverá ser consumido por ele (CODO, 1995). Impera, assim, uma lógica estrutural e comportamental voltada para o consumismo.

A esse respeito, Silva (2014) esclarece que o consumismo também está relacionado às nossas necessidades imaginárias e tem como objetivo satisfazer uma vontade imediata e, assim, comprar se torna um ato compulsivo, sem nenhum planejamento, ou seja, realiza-se a compra de produtos sem uma necessidade real. “A cultura consumista e individualista está tão profundamente enraizada em nosso comportamento diário que, na maioria das vezes, não percebemos o quanto vivemos sob a ditadura do ter” (SILVA, 2014, p. 19).

Nesse cenário, Pereira (2002, p. 84, *apud* MARTINELLI; MOÍNA, 2009, p. 62-63) reforça a ideia de que é na sociedade moderna que se pode observar a nova estruturação do conceito infância. Considerando os elementos culturais e tecnológicos a sua volta, a criança se relaciona com o ambiente em que está inserida de forma particular, pois a concepção moderna de infância está relacionada ao aparecimento do capitalismo onde ela se percebe dependente do adulto, pela aprendizagem da escrita e da leitura, diferenciando assim, o estágio infantil do adulto. Dentro desse contexto aparece a escola e a família, que têm a incumbência da educação das crianças. Segundo Bauman (2008):

Tão logo aprendem a ler, ou talvez bem antes, a “dependência das compras” se estabelece nas crianças. Não há estratégias de treinamento distintas para meninos e meninas – o papel de consumidor, diferentemente do de produtor, não tem especificidade de gênero. Numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação (ou seja, ver e tratar o consumo como vocação). Nessa sociedade, o consumo visto e tratado como vocação é ao mesmo tempo um direito e um dever humano universal que não conhece exceção. A esse respeito, a sociedade de consumidores não reconhece diferenças de idade ou gênero (embora de modo contrafactual) e não lhe faz concessões (BAUMAN, 2008, p. 73).

Dessa maneira, Souza Júnior *et al.* (2009) ressaltam que nessa nova realidade social de consumismo, a criança tem seu lugar garantido, ou seja, a de consumidor ativo, que decide, reivindica e consome. Assim, passa a ser o objeto das estratégias de estímulo do consumo, sendo a propaganda a principal delas. Sobre o assunto, Linn (2006) destaca que:

O marketing voltado para as crianças não está presente somente na mídia eletrônica; mesmo vias habituais de difusão que tradicionalmente se chama de cultura popular – o boca-a-boca, por exemplo – foram agregadas pelas corporações. Elas se empenham no marketing de “guerrilha”: propagandas e pôsteres agora são afixados em prédios e pontos de ônibus, num tipo de grafite corporativo (LINN, 2006, p. 27).

Em consonância a tal cenário infantil consumista, Bissaco *et al.* (2015, p. 210) enfatizam que “As crianças tornam-se desde muito pequenas consumidoras, ganhando um lugar na sociedade mediado pelo grau de consumo ao qual se destinam. Tornam-se antes de seres de direitos legalmente construídos, seres que têm direito de consumir”. Segundo os autores, a mídia embute nas pessoas desde crianças a ideia de cidadão consumidor, bastando uma propaganda de 30 segundos para tanto.

Souza Júnior *et al.* (2009) explicam que a criança como consumidora apresenta três papéis: o primeiro onde ela se apropria desde a infância, de comportamentos de outras pessoas; o segundo papel diz respeito à criança consumidora que decodifica, ou seja, ela procura alguma coisa que não se caracteriza como necessidade material real; e por último a criança se apresenta como catalisadora do consumo de terceiros, ou seja, o fomento de produtos nas propagandas é voltado às crianças, mas seu objetivo principal é conseguir atingir os adultos.

Linn (2006) chega a afirmar que a publicidade infantil está fora de controle, estando sem supervisão e em crescimento, assim como os danos associados a ela. As crianças, desta maneira, se tornam vítimas da manipulação publicitária acreditando em tudo que lhes é apresentado, como nos remete Silva (2014):

O marketing, ciente dessa forte influência infantil sobre os gastos dos pais, cria adereços, roupas e brinquedos cada vez mais caros, visando o lucro e incitando cada vez mais as diferenças materiais. Não tenho a menor dúvida de que o consumismo infantil deve ser revisto e desestimulado pelos pais, por familiares e pela própria escola. Com essa postura, grandes mudanças podem ocorrer no âmbito familiar e social (SILVA, 2014, p. 102).

Mediante essa realidade consumista socialmente instaurada, vemos o quanto é importante o papel da escola, pois o consumismo acaba alimentando a desigualdade social inclusive dentro da mesma. Assim, o professor como formador deve contribuir para que a criança compreenda a importância de fazer escolhas conscientes e refletir sobre as consequências do consumismo.

Sobre isso, Silva e Festa (2015, p. 59) reforçam que “(...) a educação não pode mais ser pensada e praticada da mesma maneira (...)”. A escola precisa assumir seu papel na preparação de seus alunos para a sociedade atual. Desta forma, é preciso que os professores utilizem práticas reflexivas e críticas, sugerindo metodologias para acolher as crianças dessa sociedade globalizada.

Ao longo de nossos estudos encontramos pesquisas desenvolvidas sobre a temática consumismo infantil na escola. Como exemplo, citamos a dissertação de mestrado de Oliveira (2015), cujo objetivo principal foi compreender as representações sociais de educação para o consumo nas práticas cotidianas na escola e dos professores. Primeiramente foi feito um estudo documental para identificar o que tem sido divulgado sobre práticas de “educação para o consumo” por instituições públicas e privadas, e em seguida um estudo de campo em escolas públicas e privadas para apreender o conteúdo geral das representações sociais de educação para o consumo entre professoras de educação infantil (pré-escola). Assim, a autora constatou que as escolas estimulam o consumo crítico, ou seja, a educação está voltada para o consumo consciente, para o suprimento das necessidades. Entretanto, há uma grande contradição entre os objetivos acenados pela escola em relação às práticas de consumo e o que essas práticas realmente ensinam (OLIVEIRA, 2015).

Martines (2017) também realizou um estudo sobre a temática no Congresso Nacional de Iniciação Científica (CONIC), cujo objetivo foi refletir como a escola pode contribuir no combate ao consumismo com a ajuda da família. Por meio de uma revisão bibliográfica, o autor constatou que “(...) a escola precisa assumir o papel crítico de trazer para o ambiente escolar uma reflexão sobre o consumismo, promovendo aulas, palestras e projetos sobre sustentabilidade e consumo responsável (...)” (MARTINES, 2017, p. 9).

Na mesma perspectiva, Albertini e Domingues (2016) relatam em seu artigo que, apoiados em um estudo teórico, com análises bibliográficas e documentais, tiveram como objetivo estabelecer conexões entre a tríade: infância, consumo e educação, buscando refletir e dialogar sobre esta relação na atual sociedade contemporânea. Constataram que na educação deve haver subsídios para ações pedagógicas que possibilitem o aluno interagir de forma responsável na sociedade de consumo. Também, que o papel do professor não seria somente ensinar questões direcionadas aos direitos e deveres dos consumidores, ou falar sobre finanças e questões econômicas. Portanto, o professor deve sugerir análises reflexivas perante os valores inculcados nesta sociedade, a fim de que o aluno possa agir de maneira consciente e emancipada não permitindo se tornar escravo dessa cultura (ALBERTINI; DOMINGUES, 2016).

Lembramos que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998), à escola caberia o ensino de conteúdos como avanços tecnológicos e científicos, globalização, entre outros, estimulando assim a participação de seus alunos na reflexão das relações sociais, culturais e políticas em temas que em geral eram excluídos, mas

muito importantes na formação de valores e atitudes reflexivas e construtivas.

Trigueiro (2005) afirma que o modelo de desenvolvimento com o qual estamos acostumados vem tomando uma força imensurável e que todos somos responsáveis por isso. Para o autor, a nossa imprudência quanto aos recursos naturais não renováveis acarretará aspectos negativos sobre a qualidade de vida da população, pois o que sustenta o consumismo é o que acaba com as fontes naturais de matéria-prima.

Nesse sentido, Castro e Spazziani (1998) afirmam que a escola aparece como instrumento capaz de promover o desenvolvimento de hábitos e atitudes benéficas de conservação ambiental e de respeito à natureza. Para os autores:

Atualmente, o papel da escola remonta à construção de uma sociedade democrática e, para isso, deve capacitar os indivíduos, através de postura crítica, dialética e de conteúdo relacionado diretamente à realidade, para a formação de processos que promovam e desenvolvam a conscientização (CASTRO; SPAZZIANI, 1998, p. 195).

De acordo com Batista (2012) a Educação Ambiental é capaz de ajudar a minimizar as consequências do sistema capitalista e consumista no qual estamos inseridos. Por meio da Educação Ambiental é possível, segundo o autor, transformar os pensamentos individualistas das pessoas, ou seja, “(...) na forma que a sociedade vê o mundo, fazendo o ser humano compreender que está inserido na natureza e dela faz parte, mesmo que seja racionalmente diferenciado em relação ao meio ambiente” (BATISTA, 2012, p. 98). O autor enfatiza que a Educação Ambiental deve dar ênfase à formação de cidadãos que sejam aptos a perceber os problemas ambientais que estão presentes em nossas vidas, havendo uma maior compreensão e respeito aos bens da natureza que são finitos. Ainda, Batista (2012) ressalta que:

Utilizando-se a Educação Ambiental é possível influenciar o interior do modelo capitalista agindo sobre as formas de consumo. Assim, a partir do momento que, por atuação da Educação Ambiental, as escolhas de consumo privilegiarem produtos ecologicamente corretos, o mercado em geral seguirá a mesma tendência, o que resulta em maior proteção ambiental (BATISTA, 2012, p. 106).

No final da década de 1990, com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: Meio Ambiente, destinados ao primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental, o espaço destinado à Educação Ambiental foi ganhando legitimidade nas escolas e no sistema de ensino:



[...] a principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem estar de cada um e da sociedade, local e global. Para isso é necessário que, mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com a formação de valores, com o ensino e a aprendizagem de habilidades e procedimentos (BRASIL, 1997, p. 25).

Para Echeverría *et al.* (2009) inserir e integrar a Educação Ambiental na agenda educacional favorece os indivíduos para estabelecer novos valores e enfrentar novas realidades sociais, ambientais e de desenvolvimento, em rápida transformação. A importância da Educação Ambiental no processo educativo é reafirmada por documentos legais brasileiros, tais como as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica:

[...] a Educação Ambiental deve estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo. Como um processo, uma vez iniciado, prossegue indefinidamente por toda vida, aprimorando-se e incorporando novos significados sociais e científicos. Devido ao próprio dinamismo da sociedade, o despertar para a questão ambiental no processo educativo deve começar desde a infância. A determinação para que a Educação Ambiental seja integrada, contínua e permanente implica, portanto, o início do seu desenvolvimento na Educação Infantil, prosseguindo sem futura interrupção (BRASIL, 2013, p. 545).

A Resolução nº. 7/ 2010 do MEC, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos já destacava a importância da educação ambiental e da educação para o consumo:

Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), preservação do meio ambiente, nos termos da política nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/99), educação para o consumo, educação fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, e diversidade cultural devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo (BRASIL, 2010, p. 5).

No contexto atual do país, estamos vivenciando muitas discussões sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), documento que define as aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidas ao longo de toda a educação básica. No que se refere aos anos iniciais do Ensino Fundamental, a BNCC ressalta a importância do estímulo ao pensamento crítico, lógico e criativo, bem como a capacidade de formular

perguntas, ponderar sobre as respostas e fazer intervenções conscientes e pautadas nos princípios da sustentabilidade e do bem comum (BRASIL, 2018).

Ainda conforme a BNCC, nos anos iniciais do Ensino Fundamental as crianças ampliam a sua autonomia intelectual, despertando para a vida social e começando a compreender as normas da vida em sociedade, estabelecendo relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente (BRASIL, 2018). Então, com o objetivo que as crianças compreendam a si mesmas e façam uma relação com o mundo em que vivem e com a natureza, a BNCC se organiza entre habilidades e competências, e cabe à escola o papel fundamental de pensar práticas pedagógicas para desenvolver tais habilidades e melhorar as competências.

Cabe ressaltar que há na BNCC, a indicação de trabalhar a temática consumo nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Podemos citar a habilidade EF01CI01<sup>1</sup> onde se pretende comparar as características de diferentes materiais presentes em objetos de uso cotidiano, discutindo sua origem, os modos que são descartados e como podem ser usados de forma mais consciente. Também citamos a habilidade EF05CI05<sup>2</sup>, que propõe a criação de soluções tecnológicas para o descarte adequado e a reutilização ou reciclagem de materiais consumidos na escola e/ou vida cotidiana (BRASIL, 2018, p. 333 e 341).

Defendemos que, assim como a Educação Ambiental, a educação para o consumo deve estar presente no cotidiano escolar e nas práticas pedagógicas. Nesse sentido, o próximo tópico trará autores que nos ajudam a pensar sobre o consumismo infantil e suas relações na escola.

## **1.2 Educação para o consumo e consumismo infantil**

Como já discutido, a cultura do consumo se faz cada dia mais presente no cotidiano das crianças. Seja em casa, nas ruas ou na escola, elas são vítimas da imponência e da influência constante do ideal de consumir. Muitas vezes influenciadas pelos meios de comunicação em massa, as crianças se tornam facilmente manipuladas transformando-se em consumidores passivos e inconsequentes de bens de consumo.

---

<sup>1</sup>O código significa: EF- Ensino Fundamental, 01- 1º ano, CI- Ciências, 01- a posição da habilidade na numeração sequencial do ano ou do bloco de anos.

<sup>2</sup> O código significa: EF- Ensino Fundamental, 05- 5º ano, CI- Ciências, 05- a posição da habilidade na numeração sequencial do ano ou do bloco de anos.

Segundo o sítio do Instituto Alana<sup>3</sup>, que é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos e que tem como objetivo “honrar a criança” e promover por meio de programas a garantia de condições para a vivência plena da infância, o consumismo é uma das particularidades mais marcantes da sociedade atual. O Instituto Alana ressalta ainda em sua página eletrônica que “ninguém nasce consumista”, mas que desde muito cedo os indivíduos são instigados a consumir de maneira imprudente, não importando seu poder aquisitivo. Conforme informações do Instituto Alana, as crianças como estão em fase de desenvolvimento e formação de caráter se apresentam como mais frágeis e desenvolvem desde o início de suas vidas hábitos que acarretarão consequências relacionadas ao excesso de consumismo.

Para Borba (2008), as crianças fazem parte de um mundo constituído por relações materiais, sociais, emocionais e cognitivas e, fazendo parte desse grupo social, elas concebem suas personalidades. Destarte, Borba (2008) acrescenta:

Partilhando os mesmos espaços e tempos e o mesmo ordenamento social institucional, as crianças criam conjuntamente estratégias para lidar com a complexidade dos valores, conhecimentos, hábitos, artefatos que lhes são impostos e, dessa forma, comungam formas de interpretação e de participação no mundo em que vivem (BORBA, 2008, p. 79).

Couto (2017) ressalta que a escola não aparece neutra frente à questão do consumo, pois faz parte da sociedade capitalista e consumista em que a criança está inserida e que é exposta a todo o momento a propagandas e ao marketing, não importando sua classe social.

Então, a escola e o professor aparecem nesse cenário como elementos essenciais que auxiliam a criança a construir um mundo de significados, sendo levada a refletir sobre a sociedade que a cerca e se tornar um cidadão reflexivo e comprometido com a vida.

Nessa perspectiva, trabalhar a educação para o consumo se torna propício e relevante no processo educativo. Debater temas que geralmente ficam de fora do currículo pode propiciar significados importantes para a construção da cidadania e formação de valores.

Nesse entendimento, Pereira (2018) argumenta que desde muito cedo as crianças despertam hábitos consumistas e deveria haver por intermédio dos educadores um cuidado maior com os comportamentos ensinados e aprendidos. Os discentes deveriam se sensibilizar sobre as consequências de suas ações de consumo, ou seja, perceber e refletir que o

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://alana.org.br/>. Acesso em maio 2020.

consumismo causa impacto coletivo. A autora reforça que, valores fundamentais para a subsistência da humanidade como, por exemplo, a solidariedade, a responsabilidade com o bem comum, o respeito ao próximo e ao meio em que vivemos precisariam ser aprendidos antes que as crianças tivessem contato com o mundo do consumo (PEREIRA, 2018).

Reforçando esse pensamento, Pereira (2018) salienta que:

Pensar, portanto, as relações de consumismo desde a infância, a partir da lógica das significações, implica compreender o quanto é necessário um processo de educação econômica que possibilite ao sujeito a reflexão das ações que rompa com o pensamento embasado no senso comum e na perspectiva individualista de vida; que se comprometa com a construção de conhecimentos, de sentidos e significados profundos acerca de seu consumo, que provoque um pensar de forma consciente, solidária e humanitária sobre o consumo e seu impacto no meio, e o comprometimento dos recursos naturais às futuras gerações, sobre a compra consciente embasadas na necessidade e não na indução de massas pela indústria cultural, do marketing voltado ao público infantil e valores idealizados pela sociedade de consumo (PEREIRA, 2018, p. 44).

Pereira (2018) afirma ainda que, assuntos relacionados ao consumo consciente e questões ambientais envolvendo elementos da natureza estão mais presentes no currículo oficial da educação infantil, abordando quase que de forma constante a preservação da natureza e também a água. A autora enfatiza que esses assuntos são de grande importância, entretanto ressalta que, temas como consumo de objetos, alimentos, brinquedos, entre outros que mais circundam o consumo nessa faixa etária, estão pouco presentes nas práticas docentes (PEREIRA, 2018).

Concordamos com Silva (2014) que, quando optamos por não tomar nenhuma atitude diante de um assunto ou conflito, se constitui uma postura de neutralidade, o que influencia o passado e o futuro. Borba (2008) salienta que o papel do docente é muito importante, pois é ele que pode propor temas para a discussão em sala de aula, estimulando seus alunos a desenvolverem a criticidade, falando, pensando, discutindo, dando sugestões e fazendo descobertas.

Para Oliveira (2015), educação para o consumo se refere a um processo de socialização e é nesse processo que, segundo a autora, as pessoas desenvolvem habilidades e atitudes em relação ao consumo. A autora ressalta também que, as escolas muitas vezes mesmo de forma não intencional promovem situações e aprendizados que incentivam as crianças à lógica da sociedade do consumo e à cultura do consumismo. Sendo assim, Oliveira (2015) reforça:

Entendemos que a escola pode contribuir para diminuir a lógica consumista ou para reforçá-la através de práticas nas quais fica visível a colonização de seu espaço pelo mercado, transformando o ambiente educacional em um rentável negócio. Ressaltamos que a socialização das crianças para o consumo nas práticas pedagógicas é realizada corriqueiramente chegando a passar despercebida ou mesmo a ser explícita em ações denominadas educativas. Assim, faz-se importante problematizar essas situações de incentivo ao consumo que têm sido naturalizadas pela escola (OLIVEIRA, 2015, p. 12).

Entretanto, a autora acredita que a escola tem desenvolvido de forma intencional práticas ligadas à educação para o consumo, levando os educandos a refletirem sobre o consumo consciente. Oliveira (2015, p. 13) destaca algumas dessas práticas realizadas nas escolas que inspiraram a figura abaixo:

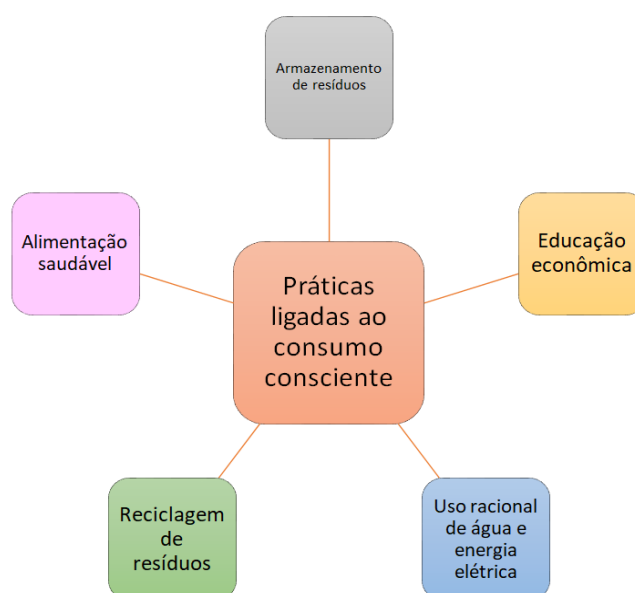


Figura 1 - Práticas ligadas ao consumo consciente.  
Fonte: adaptado de Oliveira (2015)

Oliveira (2015) entende que existem dois tipos de educação para o consumo no ambiente escolar. Para a autora, a escola trabalha nos educandos o comedimento ao consumo trabalhando então a educação alimentar, educação financeira e Educação Ambiental, mas, por outro lado, também estimula e reforça sua perpetuação, como por exemplo em festas, na cantina e na cobrança de taxas. Assim, partindo do princípio de que o consumo está presente no espaço escolar, a autora entende que cabe à escola o desafio de “(...) cumprir seu papel fundamental, qual seja, mediar as leituras de mundo dos educandos, das mais simples às mais complexas, incentivando-os a uma compreensão crítica da realidade” (OLIVEIRA, 2015, p. 44). Ainda para a autora:

[...] reconhecemos o papel da educação formal como uma possível alternativa, como uma via de formação do pensamento crítico, capaz de contribuir para a superação da lógica consumista. Estendemos que a educação formal tem o papel de promover a reflexão sobre a lógica da sociedade do consumo, e suas implicações para a formação dos sujeitos, numa perspectiva crítica (OLIVEIRA, 2015, p. 44).

Para Couto (2017), a criança deve ser entendida como cidadã, com direitos e características próprias. A autora descreve a criança como um ser único, histórico e social, com direitos, incluindo uma educação de qualidade. Nessa perspectiva, a educação deve entender a criança “(...) em suas particularidades, que compreenda o seu desenvolvimento e que a ajude a se apropriar dos conhecimentos construídos, bem como construir novos” (COUTO, 2017, p. 77).

Destarte, um aspecto importante a ser considerado é que a Educação Ambiental está diretamente vinculada ao contexto de educação para o consumo, de modo a promover ações junto aos alunos para problematizar o consumismo exagerado e desenfreado. Para Couto (2017):

O trabalho com EA não pode se restringir a datas comemorativas e ser desenvolvido de uma maneira ingênua, fragmentada e descontextualizada. Ao contrário, deve ter um caráter interdisciplinar, ser transversal, abranger questões socioambientais e, acima de tudo, ser contextualizado, fazendo sentido para os envolvidos na prática educativa. Precisamos desenvolver trabalhos em que as crianças se sintam motivadas e sensibilizadas com a questão ambiental, e que favoreçam reflexões sobre o mundo em que estão inseridas. Acima de tudo, esse trabalho deve primar a concepção crítica de que ser humano e natureza tem uma estreita relação de dependência (COUTO, 2017, p. 84).

Layrargues e Lima (2014) chamam nossa atenção para o fato de que a Educação Ambiental não deve ser vista apenas como reciclagem de lixo, coleta seletiva, e sim envolver reflexões sobre o consumo sustentável. Segundo os autores, na escola, o trabalho com a Educação Ambiental deve ultrapassar essas questões, já que devemos entender que os problemas ambientais não são separados dos conflitos sociais, pois, “As causas constituintes destes problemas tinham origem nas relações sociais, nos modelos de sociedade e de desenvolvimento prevaletentes” (LAYRARGUES; LIMA, 2014, p. 29).

Nessa mesma perspectiva, Loureiro *et al.* (2007) defendem que a escola possui poder capaz de influenciar e modificar a comunidade da qual faz parte. Para os autores, a escola poderia por meio da temática ambiental promover discussões e reflexões a respeito do papel de cada indivíduo diante das condições socioambientais (LOUREIRO *et al.*, 2007).

### 1.3 A temática consumismo na formação docente

Todas as profissões requerem saberes indispensáveis. No que se refere ao ensino, é complexo definir os saberes substanciais necessários à sua execução. Ensinar não consiste somente na transmissão de conteúdo, no conhecimento da matéria, preencher diários de classe, significa muito mais que isso, pois se trata de uma atividade onde o professor precisa estar preparado para muito além disso (GAUTHIER *et al.*, 1998).

De acordo com Tardif (2014), os estudos sobre os saberes docentes ainda estão muito no início. Esse é um novo campo de pesquisa e ainda pouco explorado, inclusive pelas próprias ciências da educação, e as respostas para esses saberes ainda não se manifestam tão evidentes, pois estudos sobre esse assunto ainda são relativamente escassos. Para o autor, a prática pedagógica engloba diferentes saberes, podendo assim dizer que o saber docente é a junção dos saberes procedentes das “instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana, o saber docente é, portanto, essencialmente heterogêneo” (TARDIF, 2014, p. 54).

Tardif (2014) ao longo de sua obra divide os saberes docentes em: saberes da formação profissional (são transmitidos pelas instituições no decorrer da formação de professores); saberes disciplinares (são transmitidos por meio das disciplinas que integram a formação inicial e continuada do professor, oferecidos pelas universidades e cursos de educação); saberes curriculares (correspondem aos programas escolares: os objetivos, discursos, conteúdos e métodos que os professores devem colocar em prática) e saberes experienciais (são os saberes específicos que os professores desenvolvem em sua prática docente).

Assim sendo, Gauthier *et al.* (1998, p. de 28) reforçam que a qualidade de um saber não assegura o reconhecimento social de uma profissão. Para os autores, no ofício de professor não constam saberes formalizados uma vez que, fundamentar o ensino na compreensão “(...) do conteúdo, no “bom senso”, na experiência, na intuição, no talento ou numa vasta cultura não favorece de modo algum a formalização de saberes e de habilidades específicos ao exercício do magistério”. Gauthier *et al.* (1998) complementam:

[...] pondo-se em evidência um saber da ação pedagógica legitimado pela pesquisa e pela própria atividade dos professores e integrado na formação docente. Desse modo, a formação inicial, recebida na Universidade, refletiria melhor a prática no meio escolar, e o saber do próprio professor, difundido no seio da Universidade, acharia aí um reconhecimento de sua pertinência (GAUTHIER *et al.*, 1998, p. 35).

Conforme Nóvoa (1997) é muito importante reconhecer padrões de formação que possibilitem a preparação de professores crítico-reflexivos, ou seja, de professores com pensamentos autônomos, com suas próprias identidades pessoais e profissionais, capazes de refletir criticamente sobre sua prática. Para o autor, esses professores em formação precisam incumbir-se da responsabilidade e tornarem-se autores de seu próprio desenvolvimento profissional e assim contribuir para a inserção de políticas educacionais. (NÓVOA, 1997).

Fazendo uma crítica aos cursos de formação de professores, Nóvoa (1997) já relatava na época que a formação docente não se concebe somente com cursos de conhecimentos ou de técnicas. O autor ressalta que, a formação deve incluir, além disso, reflexões críticas sobre as práticas podendo assim reconstruir de forma permanente a identidade e desenvolvimento pessoal do docente. Ainda para o autor, também não se valoriza nos cursos de formação a articulação entre formação e os projetos da escola. “Estes dois “esquecimentos” inviabilizam que a formação tenha como eixo de referência o desenvolvimento profissional dos professores, na dupla perspectiva do professor individual e do coletivo docente” (NÓVOA, 1997, p. 24).

Sobre a formação docente reflexiva, Zeichner (2008) ressalta que:

Infelizmente, na minha visão, a maior parte do discurso sobre a “reflexão” na formação docente hoje, mesmo depois de todas as críticas, falha ao deixar de incorporar o tipo de análise social e política que é necessária para visualizar e, então, desafiar as estruturas que continuam impedindo que atinjamos os objetivos mais nobres como educadores. Porém, sou otimista que formadores de educadores vão se mobilizar para desafiar e se certificar que o objetivo da reflexão na formação docente não ajude a reproduzir inconscientemente o *status quo*. O propósito de se trabalhar para a justiça social é uma parte fundamental do ofício dos formadores de educadores em sociedades democráticas e não deveríamos aceitar outra coisa, a não ser algo que nos ajude a progredir em direção a essa realização (ZEICHNER, 2008, p. 548, grifo do autor).

Segundo Freire (1996, p. 12), em sua formação inicial, o professor tem acesso à “(...) conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente. Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora”. Desta maneira, o autor defende que o professor, desde o início da sua formação, deve se assumir como sujeito também da produção do saber e ter claro que ensinar não é transferir conhecimento e sim oferecer oportunidades para que esse seja produzido e construído (FREIRE, 1996).

Para Freire (1996), a formação inicial de professores precisa estar alicerçada em um pensamento crítico, no qual aprender e ensinar caminham juntos. Desta maneira, haverá uma



prática pedagógica transformadora, com um ensino dialético, para assim se conquistar uma aprendizagem significativa. Nesse processo o professor aparece como um facilitador do conhecimento, provocando reflexões para que se concretize o aprendizado, ou seja, um mediador da aprendizagem (FREIRE, 1996).

Mas essas questões não são específicas da formação inicial de professores. Para Freire (1996), a formação docente é um processo permanente, de constante busca:

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir. O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996, p. 20).

Desta maneira, a formação inicial não garante sozinha a formação do professor. É necessário a busca constante de conhecimento, “Assim sendo, a formação permanente dos professores emerge, simultaneamente, como uma necessidade intrínseca dos sistemas de ensino e um direito de todos os professores” (ARAÚJO *et al.* 2015, p. 59).

Freire (2001) defende que a educação é permanente, inacabada, sendo necessário sempre buscar mais conhecimento:

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí (FREIRE, 2001, p. 12).

Giroux (1997) aponta sobre a necessidade dos programas de formação de professores darem mais tempo em sala de aula a esses docentes em formação. O autor defende que seria uma maneira para que pudessem explorar conexões teóricas entre ensino escolar, subjetividade, cidadania e poder. Dessa maneira, fortaleceriam a ampliação do discurso de democracia e das responsabilidades sociais e de como isso funciona na sociedade com políticas públicas (GIROUX, 1997).

No entanto, mesmo depois de ter concluído o curso inicial de formação, o docente adquire conhecimento no seu dia a dia escolar com as inúmeras situações que passa a viver,

ensinando e aprendendo ao mesmo tempo. Aprimorar suas habilidades e conhecimentos se torna indispensável para que ele atue e promova reflexões em uma sociedade de constante mudança que busca por evoluções na escola. Por conseguinte, a formação continuada se torna uma importante ferramenta para que isso aconteça.

A formação continuada aparece então como uma possibilidade para a atualização profissional do professor muitas vezes com o papel de suprir a precariedade dos cursos de formação inicial dos professores. Vale ressaltar que essa formação foi integrada ao setor educacional para assim estimular políticas nacionais e regionais em reflexo aos problemas ligados ao sistema educacional. Ainda assim, a educação continuada pode ser compreendida como aprofundamento e aperfeiçoamento docente, visando os desenvolvimentos e inovações inclusive das produções científicas (GATTI, 2008). Segundo Chimentão (2009), a formação continuada não deve ser observada como uma fórmula pronta, soluções de problemas metodológicos, mas sim como um suporte às necessidades do professor no seu cotidiano. Neste raciocínio, Chimentão (2009) acrescenta:

Os processos de formação continuada podem ser valiosíssimos, se conseguirem aproximar os pressupostos teóricos e a prática pedagógica. A formação continuada deve ser capaz de conscientizar o professor de que teoria e prática são “dois lados da mesma moeda”, que a teoria o ajuda a compreender melhor a sua prática e a lhe dar sentido e, conseqüentemente, que a prática proporciona melhor entendimento da teoria ou, ainda, revela a necessidade de nela fundamentar-se (CHIMENTÃO, 2009, p. 5).

Para Silva (2011), muitas práticas englobam a formação continuada, sendo difícil caracterizá-la. Para a autora, existem vários objetivos, interesses, agentes envolvidos e riqueza de informações, mas com a intenção de atualização e renovação profissional. A autora afirma que nesse tipo de formação não existe um campo homogêneo, pois existem diferentes perspectivas: “(...) em relação aos objetivos, conteúdos, métodos, jogos políticos, culturais e profissionais. Não há um único caminho desejável, ela é complexa e possui diversas concepções, necessidades que levam o professorado a uma formação (...)” (SILVA, 2011, p. 2).

Silva (2011) ainda reforça que a escola é um importante ambiente de formação continuada para o professor. Todas as adversidades e situações cotidianas que requerem soluções, reflexões e reelaborações de práticas se concentram nesse local. Assim, seria possível a troca de experiências, o diálogo entre os professores nos corredores ou nas reuniões pedagógicas para refletirem sobre suas práticas e juntos sugerirem mudanças no processo de

ensino-aprendizagem.

Considerando os conceitos apresentados até o momento, cabe indagarmos qual é o lugar que ocupa a temática consumo e consumismo infantil nos cursos de formação docente, seja ela inicial ou na perspectiva da formação continuada.

Muito significativo então relatar que temas relacionados ao consumismo infantil não são trabalhados na formação inicial docente. Uma pesquisa feita em parceria com o Instituto Alana, denominada “Criança, mídia e consumo na formação de professores”, investigou se o tema “criança, mídia e consumo” estava formalizado nas disciplinas e grades curriculares dos cursos de Pedagogia e se esse tema seria bastante significativo para ser integrado em diferentes estratégias de formação. Para alcançar os resultados almejados por esse estudo, foram usadas práticas de mapeamento da inteligência de redes, dados disponíveis na internet. Essa pesquisa concluiu que o tema acima citado é muito pouco presente nos processos de formação de professores e nas ementas de disciplinas, aparecendo somente em práticas de formação voltadas às pesquisas como TCCs, eventos acadêmicos, iniciações científicas, teses e dissertações.

Assim, defendemos que a temática abordada nessa pesquisa passe a ser cada vez mais presente nos cursos de formação inicial e continuada de professores, em seus diversos âmbitos (pesquisa, ensino, extensão). É fundamental que os docentes saibam como trabalhá-la em sala de aula podendo orientar seus alunos de forma efetiva, reflexiva e crítica diante do cenário que se apresenta a sociedade contemporânea, que se mostra cada dia mais consumista, sem se responsabilizar com os danos causados ao ambiente devido ao consumismo exacerbado.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Sem o objetivo de esgotar a produção sobre o assunto, este tópico trará a revisão bibliográfica realizada, cuja finalidade foi construir um panorama sobre as pesquisas produzidas sobre o tema práticas pedagógicas referentes ao consumismo infantil e divulgadas em estudos da área.

Como dito na introdução desta dissertação, foram feitos esforços de busca para a revisão bibliográfica em diferentes momentos. As primeiras buscas aconteceram em agosto de 2019 em periódicos destinados a veicular a produção acadêmica em Educação Ambiental, disponibilizados nas versões online. Os periódicos selecionados foram: Pesquisa em Educação Ambiental<sup>4</sup>, Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)<sup>5</sup>, Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA)<sup>6</sup> e Ambiente & Educação (Revista de Educação Ambiental)<sup>7</sup>.

O recorte temporal envolveu trabalhos publicados entre 2015-2019 (cinco anos) e inicialmente as palavras-chave escolhidas foram “consumismo infantil” e “consumo infantil”. Contudo, não obtivemos resultados com esses termos e ampliamos as buscas, passando a usar as palavras-chave “consumismo” e “consumo”. Com isso, encontramos um total de 70 trabalhos (20 artigos referentes à palavra-chave consumismo e 50 referentes a consumo). Foi criado um documento eletrônico para cada fonte de dados, contendo o nome do periódico, os títulos das pesquisas selecionadas, os autores, as palavras-chave, resumos e o ano de suas publicações, de modo a possibilitar a organização e a triagem dos trabalhos.

A partir daí, foram eliminados os resultados duplicados (que foram resgatados com ambos os termos de busca), restando assim 63 artigos. Com a leitura dos resumos, identificamos 30 trabalhos relacionados à Educação Ambiental formal e, dentre esses, escolhemos aqueles que envolviam práticas pedagógicas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mesmo que aliados a outros níveis de ensino. O resultado pode ser visto no quadro a seguir:

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa> Acesso em: ago. 2019.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea> Acesso em: ago. 2019.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea> Acesso em: ago. 2019.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc> Acesso em: ago. 2019.

Periódico	Ano de publicação	Autor(es)	Título
Revista Pesquisa em Educação Ambiental	2017	Sheila Cristina Canobre, Maraína Souza Medeiros, Ingrid Silva Pacheco, Layla Giovanna Giroto, Edyane Tássia Padilha, Hélder Eterno Silveira e Fábio Augusto Amaral	Estratégias pedagógicas fundamentadas na pesquisa-ação participativa para a sensibilização de educandos de escolas do campo de Uberlândia (MG) sobre o tema “água”.
	2018	Rosângela Inês Matos Uhmman e Fernanda Seidel Vorpágel	Educação Ambiental em Foco no Ensino Básico.
Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)	2016	Magnollya Moreno de Araújo Lelis, Môngolla Keyla Freitas de Abreu, Maria Laís dos Santos Leite, Veronica Salgueiro do Nascimento e Suely Salgueiro Chacon	Carta da Terra para Crianças como estratégia de promoção da sustentabilidade ambiental.
	2017	Larissa Alves de Oliveira e Jeani Delgado Paschoal Moura	Educação Ambiental por meio da reutilização de resíduos e construção de jogos.

Quadro 1 - Resultado da revisão bibliográfica, conforme os periódicos: Pesquisa em Educação Ambiental, Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA). Fonte: organizado pela autora/PEA, RevBEA (2019).

Nos periódicos Revista Brasileira do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA) e Ambiente & Educação (Revista de Educação Ambiental) não foi encontrado nenhum trabalho que correspondeu aos nossos critérios de seleção.

Podemos notar que houve exclusão de muitos trabalhos devido ao fato de a maioria discutir contextos de estudo (Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos, Educação Infantil) que não compunham interesse direto desta pesquisa. Também encontramos estudos sobre: concepção docente e/ou discente, percepção ambiental de populações ribeirinhas; trabalhos sobre recursos didáticos, pesquisas como estado da arte, concepção discente e conteúdo didático; Educação Ambiental para comunidade aprendente, pesquisas divulgadas pela produção científica; Educação Ambiental para estudantes de curso pré-vestibular; Educação Ambiental como aparelho ideológico do estado, percepção ambiental de populações ribeirinhas, percepção ambiental de trabalhadores de um clube de campo; supervalorização que cursos de Educação Ambiental tem posto na reciclagem com um sentido de customização; e outros. Apesar de não fazerem parte do corpus que será aqui apresentado, não deixamos de considerar que tais estudos são importantes no cenário da pesquisa em Educação Ambiental e poderão ser explorados em outras produções relacionadas ao consumismo e ao consumo.

Passaremos a tratar dos artigos explicitados no quadro 1. O artigo de Canobre *et al.* (2017) denominado “Estratégias pedagógicas fundamentadas na pesquisa-ação participativa

para a sensibilização de educandos de escolas do campo de Uberlândia (MG) sobre o tema “água” teve como objetivo elaborar e executar estratégias pedagógicas como prática da Educação Ambiental para orientar e sensibilizar os educandos de três escolas do campo de Uberlândia-MG. Segundo os autores, as estratégias pedagógicas desenvolvidas, fundamentadas na pesquisa-ação participativa, foram: colagem e pintura; montagem de murais; jogo de perguntas e respostas; cartilha e vídeos educativos, sendo que todas tinham como tema a água. As propostas aplicadas pelos autores nas três escolas exploraram a conscientização dos alunos em relação à poluição, à contaminação, à importância, a doenças e ao desperdício de água com enfoque no uso desta em atividades cotidianas. A análise dos resultados revelou que estratégias pedagógicas motivadoras são necessárias para a conscientização de educandos, mas que devem ser contínuas para reforçar a problemática ambiental da crise hídrica que assola o mundo (CANOBRE *et al.*, 2017).

O trabalho de Uhmann e Vorpapel (2018) nomeado “Educação Ambiental em Foco no Ensino Básico” refere-se ao estudo das Estratégias de Ensino que permeiam a Educação Ambiental na Educação Básica. As autoras ressaltam a necessidade de trabalhar a Educação Ambiental nas escolas, para assim proporcionar ações e atitudes críticas como, por exemplo, sensibilizar os jovens influenciados pelo apelo de consumo da sociedade contemporânea. Para tanto, as autoras investigaram por meio de uma revisão bibliográfica em periódico e questionário feito a professores da Educação Básica sobre quais e como eram efetivadas as Estratégias de Ensino de Educação Ambiental. A partir desse estudo, emergiram as categorias: práticas de Educação Ambiental em periódico e a Educação Ambiental no contexto da Educação Básica, evidenciando a falta de sistematização das práticas desenvolvidas na Educação Básica, mas que pode ser melhorado com a inserção de um trabalho coletivo em meio escolar na direção contínua das práticas de Educação Ambiental. As autoras concluíram a necessidade de avançar no campo crítico na formação inicial e continuada de professores no campo da Educação Ambiental, dando base para que os docentes desenvolvam ações e práticas ligadas ao seu contexto socioambiental. (UHMANN; VORPAGEL, 2018).

Lelis *et al.* (2016) em artigo nomeado “Carta da Terra para Crianças como estratégia de promoção da sustentabilidade ambiental” teve como objetivo evidenciar que a mudança de atitude e a percepção da realidade desperta para a mudança de pensamento e ajuda a gerar condições para a criação de sociedades sustentáveis. Partindo dessa premissa, o estudo apresentou e dialogou sobre os princípios da Carta da Terra para Crianças aplicados a uma

Escola de Ensino Fundamental cearense. Foi usada a abordagem qualitativa por meio da pesquisa-ação, tendo como atividade principal a exposição dialogada dos princípios da Carta. Essa iniciativa promoveu a vivência da Educação Ambiental com os estudantes a partir de temáticas como consumo consciente e respeito com o outro, promovendo a troca de vivências, a reflexão da realidade e das atitudes pelos participantes (LELIS *et al.*, 2016).

Já Oliveira e Moura (2017) no relato de experiência “Educação Ambiental por meio da reutilização de resíduos e construção de jogos” compreendem que a Educação Ambiental coloca em relevo o papel dos sujeitos no enfrentamento dos problemas ambientais contemporâneos, em especial, em relação à produção de resíduos sólidos decorrentes de modos de vida baseados no consumo desenfreado. Através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), foram propostas práticas em escolas públicas a partir de jogos, com o intuito de potencializar o debate sobre a necessidade do consumo consciente, do descarte e do reaproveitamento dos resíduos sólidos. Segundo as autoras, a pesquisa proporcionou para os alunos uma reflexão sobre o assunto e teve a escola como mediadora de múltiplas alternativas para se pensar e agir no mundo (OLIVEIRA; MOURA, 2017).

É possível notar que a revisão efetuada nos periódicos supracitados resgatou estudos interessantes, mas que, infelizmente, não dialogam diretamente com o objetivo desta pesquisa, ou seja, não tiveram como foco da discussão a temática consumismo infantil.

Nesse sentido, dada a necessidade de ampliarmos a revisão e com o intuito de fundamentar a análise de dados da pesquisa, realizamos uma busca no banco de dados do Projeto EArte (Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil<sup>8</sup>). O projeto é uma iniciativa interinstitucional que envolve pesquisadores de sete instituições públicas brasileiras (Unesp Rio Claro, Unicamp, USP Ribeirão Preto, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Universidade Federal Fluminense e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Itapetininga), cujo objetivo é identificar, inventariar e analisar a pesquisa em Educação Ambiental produzida sob a forma de dissertações e teses defendidas no país. Até o momento da realização da consulta ao site do Projeto, havia 4508 trabalhos disponíveis, defendidos entre 1981 e 2016.

Para a busca no banco de dados, as palavras-chave utilizadas foram: “consumismo” e “consumo”. Os filtros utilizados foram: contexto educacional (regular) modalidades (Ensino

---

<sup>8</sup> Disponível em [www.earte.net](http://www.earte.net). Acesso em setembro de 2019.

Fundamental 1ª a 4ª /1º ao 5º). O termo “consumismo” retornou 3 estudos, já o termo “consumo” resultou em 21 trabalhos. Identificadas e excluídas as duplicidades, os resumos de cada trabalho foram lidos para detectar aqueles que abordavam a temática consumismo infantil em práticas pedagógicas desenvolvidas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esse processo de refinamento das buscas resultou 5 estudos.

Ano de publicação	Autor(es)	Título
2001	Maria Regina Nunes da Silva	Resíduos sólidos urbanos: um estudo voltado à prática educativa.
2002	Heloisa Chalmers Sista Cinquetti	Educação Ambiental e resíduos sólidos: um estudo com professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental.
2009	Aline Pereira da Silva	Educação Ambiental em resíduos sólidos nas unidades escolares municipais de Presidente Prudente – SP.
2009	Liziane Regina Gomes	Educação através do design e as práticas educacionais sobre consumo sustentável no Ensino Fundamental público de Curitiba: panorama e possibilidades.
2012	Viviane Suzana da Costa Santos Andrade	Gestão ambiental em instituição escolar: possibilidades e desafios para o Caic Aureliano Joaquim da Silva (Ituiutaba - MG).

Quadro 2 - Trabalhos selecionados para a revisão bibliográfica, disponibilizados pelo Projeto EArte (Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil). Fonte: organizado pela autora/Projeto EArte (2019).

Silva (2001), em sua dissertação denominada “Resíduos sólidos urbanos: um estudo voltado à prática educativa”, explica que o homem contemporâneo se define por desenvolver suas atividades, esquecendo-se da natureza e de que também faz parte dela. Desta maneira, a pesquisadora enfatiza que a Educação Ambiental tem se preocupado em estimular nas pessoas a necessidade de mudança de valores, principalmente os voltados ao respeito ao ambiente. Quanto à questão do lixo, é relatada a necessidade de alterar hábitos de consumo, como também praticar a coleta seletiva para reciclagem e o reaproveitamento de materiais, como também seu acondicionamento e armazenamento. O objetivo do estudo foi explanar uma experiência na área de Ciência e Educação Ambiental, com alunos de 4ª série do Ensino Fundamental, em escola pública estadual do interior do estado de São Paulo. Diante dessas questões, foram desenvolvidas atividades como visitas ao aterro sanitário e central de triagem, leituras e palestras. O trabalho indica que as atividades ocasionaram resultados consideráveis sobre as crianças em relação à distribuição inadequada dos resíduos sólidos. A autora ressalta que, por meio da motivação dos educandos, foi implantado na escola um programa de coleta seletiva que motivou os educandos (SILVA, 2001).

A tese de Cinquetti (2002) “Educação Ambiental e resíduos sólidos: um estudo com professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental” analisou processos de aprendizagem



sobre a temática ambiental e sobre o planejamento do ensino, com professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental, tendo como foco o tema dos resíduos sólidos (lixo). O objetivo dessa pesquisa foi verificar as abordagens das professoras relativas a esse tema. Foram analisados dois tipos de conhecimento dos professores: conhecimento dos conteúdos específicos e conhecimento pedagógico do conteúdo. Quanto ao conhecimento dos conteúdos específicos, foram tomadas três dimensões relativas à temática ambiental e ao processo educativo, para analisar os projetos e as mediações com as professoras, sendo elas: conhecimentos, valores (éticos e estéticos) e participação política. A autora explica que a literatura tem colocado essas dimensões, de forma separada ou não, como os pilares a pautar os trabalhos de Educação Ambiental. Desta maneira, elas foram consideradas para a análise do tema dos resíduos sólidos de uma forma geral e a partir de três subtemas que emergiram dos dados, sendo eles: disposição de resíduos, redução do consumo e do desperdício e reciclagem. Em seguida, foram propostas três intervenções de educação continuada às professoras: dois cursos de curta duração e o acompanhamento do desenvolvimento profissional das professoras de uma escola ao longo de dezoito meses. A coleta de dados aconteceu durante as três intervenções, voltando-se, sobretudo, para a análise de projetos de ação elaborados pelas professoras, com registros das reuniões, entrevistas e relatos das professoras sobre o trabalho realizado. Concluiu-se com esse estudo um predomínio da dimensão dos conhecimentos em comparação com as dimensões dos valores e da participação política. No que se refere às professoras, constatou-se que essas percebiam e tentavam suprir questões relacionadas à reciclagem, mas que aspectos importantes como impactos ambientais foram deixados para trás. Sobre os valores éticos, as docentes não mostraram uma regularidade quanto ao seu desenvolvimento. A dimensão da participação política foi um pouco mais abordada pelas professoras do que a valorativa. Quanto ao conhecimento pedagógico dos conteúdos, a análise se baseou em procedimentos didáticos escolhidos pelas professoras envolvidas nos projetos. A autora salienta que os procedimentos dialógicos que se sobressaíram nas discussões indicam um possível domínio das docentes nessa área. (CINQUETTI, 2002).

Silva (2009) em sua dissertação “Educação Ambiental em resíduos sólidos nas unidades escolares municipais de Presidente Prudente – SP”, considera que um dos principais problemas ambientais da atualidade está ligado ao aumento do consumo, a geração excessiva e o gerenciamento inadequado dos resíduos sólidos. A autora relata que nessa cidade a maioria dos resíduos sólidos é disposta no “aterro controlado” da cidade, o que ocasiona

inúmeros impactos ambientais, sociais e econômicos. Analisando a realidade do município, verificou-se a necessidade de ações por parte de vários segmentos sociais para reduzir e/ou reverter esse quadro desfavorável. Segundo a autora, a Educação Ambiental contribui para a discussão das raízes do problema, para a participação política dos cidadãos e para a transformação da realidade. Diante desses aspectos, essa pesquisa de mestrado visou colaborar para o aprofundamento das questões relativas à Educação Ambiental em resíduos sólidos no âmbito escolar. Foram analisados sete projetos ambientais desenvolvidos em anos iniciais das unidades escolares da Rede Municipal quanto à: autoria, origem, justificativa, componentes curriculares, objetivos gerais e específicos, conteúdos, duração, procedimentos metodológicos, instrumentos de avaliação e bibliografia. Os instrumentos de coleta de dados foram: aplicação de questionários destinados às orientadoras pedagógicas, seleção dos projetos que contemplavam temáticas referentes aos resíduos sólidos, entrevistas semiestruturadas com onze professoras responsáveis pela realização dos projetos e análise documental. A autora relata que, embora alguns projetos não estejam alinhados com a abordagem dos resíduos a partir da concepção de ciclo (desde a extração de recursos naturais à reintrodução dos resíduos na cadeia produtiva), destacou-se o incentivo ao descarte/coleta seletiva, a realização de oficinas de reutilização e reciclagem, a seleção de conteúdos que visavam à formação de atitudes, competências/habilidades e a preocupação do professor em buscar informações sobre o tema, principalmente por meio de cursos e troca de experiências e envolvimento dos alunos. Para a autora, a cooperativa de trabalhadores em produtos recicláveis da cidade exerce papel de destaque, visto que contribui para o descarte/coleta seletiva na comunidade em geral, instrumentaliza o trabalho nas escolas com materiais informativos e possibilita a compreensão do processo de triagem dos resíduos na prática, por meio da visita a sua sede (SILVA, 2009).

Já a dissertação de Gomes (2009) com o título “Educação através do design e as práticas educacionais sobre consumo sustentável no Ensino Fundamental público de Curitiba: panorama e possibilidades”, trata da aplicação da Educação através do Design indicada como EdaDe, para abordar o tema consumo sustentável no Ensino Fundamental. Segundo a autora, a reflexão sobre os atuais padrões de produção e consumo é extremamente necessária na contemporaneidade, tendo em conta as consequências sociais e ambientais de tais modelos. Assim, a autora relata que a EdaDe é uma proposta pedagógica que visa desenvolver atividades de design como forma de ensino e aprendizagem. Trata-se de um estudo exploratório, realizado através de pesquisa bibliográfica e análise documental, cujo objetivo

foi encontrar formas de incluir a EdaDe nas atividades sobre consumo sustentável que já são praticadas em escolas municipais de Curitiba a fim de melhorá-las. A pesquisa buscou identificar as contribuições fornecidas pela proposta à abordagem atual do consumo sustentável em sala de aula. Foram tomadas como base práticas educativas desenvolvidas em 2007, por professores de escolas públicas de Curitiba, através do Projeto Escola & Universidade (mantido pela Secretaria Municipal da Educação). Os dados foram coletados a partir de relatórios elaborados pelos professores sobre as atividades desenvolvidas por eles no decorrer de seus projetos. Dentre as conclusões feitas pela autora, podemos citar que as crianças influenciam seus familiares nas compras, como também representam um alvo significativo para o marketing. Outro ponto evidenciado pela autora é sobre as discordâncias entre os termos sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, sugerindo que propostas pedagógicas nessa área seriam muito significativas. Assim, a autora conclui que por meio dos resultados obtidos foi possível formular um cenário sobre o trabalho desenvolvido nas escolas públicas de Curitiba a respeito do consumo sustentável, sendo desta maneira possível apontar a inclusão ou reformulação de atividades, alinhando as práticas educativas atuais à EdaDe (GOMES, 2009).

A dissertação de Andrade (2012) intitulada “Gestão ambiental em instituição escolar: possibilidades e desafios para o CAIC Aureliano Joaquim da Silva (Ituiutaba - MG)” partiu do pressuposto que numa sociedade globalizada as questões ambientais estão cada vez mais em evidência e que organizações dos variados tipos passaram a buscar cada vez mais uma cultura de sustentabilidade para seus empreendimentos que garantissem a redução de desperdícios, a prevenção de riscos, a competitividade, a possibilidade de reduzir custos de seguro, a melhora da reputação e da imagem da organização, o aumento de rendimento da produção, entre outros. A autora buscou verificar os impactos ambientais de uma organização educacional pública mineira, investigando a possibilidade de um desenvolvimento sustentável nesta instituição. Para tanto, a pesquisa traz um diagnóstico ambiental de modo a verificar como os aspectos ambientais interagem e, conseqüentemente, de que forma refletem no meio ambiente, analisando os impactos ambientais e procurando alternativas para atenuar os possíveis efeitos adversos. Os resultados da pesquisa apontam que no CAIC os problemas ambientais podem ser evitados por meio da educação, procurando aumentar nos discentes o espírito crítico frente ao consumismo acentuado na nossa sociedade. No entanto, a autora ainda ressalta que essa tarefa de buscar um desenvolvimento sustentável, de desenvolver em seus educandos um espírito crítico frente ao consumismo exacerbado e de desenvolver o

senso de responsabilidade no uso dos recursos naturais que são patrimônio da humanidade, perpassa por bons exemplos, boas práticas, por uma Educação Ambiental integrada, por uma gestão eficaz e participativa, que promova o diálogo na busca de alternativas ambientalmente apropriadas para obter os objetivos pretendidos (ANDRADE, 2012).

É importante ressaltar que os trabalhos citados até então foram buscados no ano de 2019. Em busca de uma revisão bibliográfica mais ampla, realizamos novas pesquisas durante o mês de fevereiro de 2020, agora na plataforma Google Acadêmico<sup>9</sup> à procura de teses, dissertações e artigos. Essa plataforma é uma ferramenta de pesquisa de trabalhos acadêmicos, literatura escolar, jornais de universidades e artigos variados. Nosso objetivo era encontrar publicações cuja discussão sobre consumo/consumismo infantil dialogassem diretamente com nossa pesquisa.

O recorte temporal envolveu publicações entre 2016-2020 (últimos 5 anos) e foram usados os conjuntos de palavras-chave: a) “consumismo infantil” “Educação Ambiental” “Ensino Fundamental” (que retornou 25 estudos) e b) “consumismo infantil” “Educação Ambiental” “educação infantil” (que resultou 22 trabalhos), totalizando 47 publicações.

A partir daí, foram eliminados os resultados duplicados (que apareciam nos dois conjuntos de busca), restando assim 28 trabalhos. Em seguida, foi realizada uma leitura dos resumos e foram excluídas as pesquisas que não envolviam o âmbito da Educação Ambiental formal e/ou que não envolviam práticas pedagógicas na educação infantil e/ou Ensino Fundamental. Assim sendo, o processo de filtragem dos trabalhos excluiu mais 23 estudos. Os resultados das buscas encontram-se sistematizadas nos quadros 3 e 4.

<b>Fonte: GOOGLE ACADÊMICO</b>	
<b>Palavras-chave</b>	
“consumismo infantil” “Educação Ambiental” “Ensino Fundamental”	“consumismo infantil” “Educação Ambiental” “Educação Infantil”
03	02

Quadro 3 - Resultado dos trabalhos encontrados no Google Acadêmico, conforme palavras-chave utilizadas na busca. Fonte: organizado pela autora (2020).

<sup>9</sup> Disponível em <https://scholar.google.com.br>. Acesso em: fev. 2020.

Ano de publicação	Autor(es)	Título
2017	Adriana Regina de Oliveira Couto	Educação Ambiental: construção de um processo formativo em educação infantil em uma perspectiva crítica.
2017	Gabriel Bezerra Zecchin	Educação para o consumo: a ação docente em destaque.
2017	Marcelo D'Aquino Rosa, Marilac L. S. L. Nogueira, Jéssica P. T. Souza, Pedro N. da Rocha, Juliana Rink, Alessandra A. Viveiro	As perspectivas de ambiente e de Educação Ambiental nos projetos de professores da Educação Básica em um curso de formação continuada.
2018	Nandiele Crisley Mendes Trajano	O combate ao consumismo infantil e a escola enquanto espaço de educação para a sustentabilidade.
2018	Natalia Teixeira Ananias Freitas	Educação Ambiental, consumo e resíduos sólidos no contexto da educação infantil: um diálogo necessário com os professores.

Quadro 4 - Listagem dos trabalhos incluídos na revisão bibliográfica. Fonte: organizado pela autora a partir da busca no Google Acadêmico (2020).

A dissertação de Couto (2017) tem como título “Educação Ambiental: construção de um processo formativo em educação infantil em uma perspectiva crítica”. A autora relata que atualmente, muito se tem discutido a respeito de políticas públicas, consumo consciente, uso desenfreado de recursos naturais, resíduos, desenvolvimento sustentável e Educação Ambiental. Entretanto, na educação infantil as discussões sobre a Educação Ambiental ainda estão no início, não havendo muitas pesquisas que envolvam os dois temas. Acreditando na necessidade de se trabalhar a questão ambiental com os pequenos de maneira efetiva e com qualidade, essa pesquisa teve como objetivo elaborar, desenvolver e avaliar um processo formativo tendo como base uma Educação Ambiental norteada por uma perspectiva crítica na Educação Infantil. A pesquisa ocorreu em uma escola de Educação Infantil do interior do estado de São Paulo com uma turma composta por crianças entre 3 e 6 anos. Foi realizada uma sequência didática que teve como eixo central o consumismo infantil, a obsolescência programada e a obsolescência perceptível, que fez uso de diferentes estratégias e recursos, como o uso da literatura infantil, de imagens diversas e desenhos, entre outros. As atividades foram realizadas a partir de mediações e possibilitaram que as crianças conseguissem realizar suas primeiras reflexões sobre o consumismo e sobre a problemática do lixo, indicando como solução a reutilização e a redução do consumo. Segundo a autora, acredita-se que as crianças tiveram a oportunidade de pensar sobre diferentes hábitos de consumo, estilos de vida, relação ser humano-natureza e, principalmente, o meio em que vivem e como se relacionam com esse meio. Dessa forma, conclui a autora, há a expectativa de que esse trabalho possa contribuir para que outros educadores reflitam sobre possibilidades de práticas educativas no contexto

da Educação Ambiental e se motivem a partilhar seus saberes e práticas (COUTO, 2017).

A dissertação de Zecchin (2017) “Educação para o consumo: a ação docente em destaque”, teve como objetivo investigar como a temática consumo vem sendo tratada no contexto escolar. Primeiramente foram analisados documentos oficiais, como as Diretrizes Curriculares Nacionais e os Parâmetros Curriculares Nacionais para verificar a existência e a forma como é abordada a questão do consumo e suas diretrizes para o trabalho docente. Assim, para compreender o trabalho docente acerca da temática em sala de aula, foram realizadas entrevistas com professores que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental. A finalidade foi identificar junto aos docentes as práticas pedagógicas que eles desenvolviam. Para tanto o autor utilizou um estudo qualitativo de caráter descritivo. Os resultados apontaram a relevância das práticas docentes voltadas para o consumo e a necessidade de uma formação que prepare os professores para lidarem com essas questões de maneira crítica (ZECCHIN, 2017).

O artigo “As perspectivas de ambiente e de Educação Ambiental nos projetos de professores da Educação Básica em um curso de formação continuada” de Rosa *et al.* (2017) relata que, tanto a educação quanto a questão ambiental, envolvem questões políticas com visões de mundo e diversos interesses alinhados às correntes de Educação Ambiental. Os autores se basearam nas três macrotendências de Educação Ambiental propostas por Layrargues e Lima (2014). O trabalho teve como objetivo investigar que elementos das produções finais de um curso de extensão se aproximam/distanciam da macrotendência de Educação Ambiental crítica, adotada como eixo central da proposta. O curso foi voltado para professores em exercício na educação infantil e no Ensino Fundamental. Foram realizadas tarefas e a produção de um projeto didático de Educação Ambiental como trabalho final. Esses projetos foram analisados com o a perspectiva de identificar as visões de ambiente e as macrotendências de Educação Ambiental predominantes, bem como as inter-relações disciplinares presentes nas propostas. Os autores concluíram que os projetos mostram importantes indícios que os aproximam de uma perspectiva crítica de Educação Ambiental e da interdisciplinaridade. Também se constatou que existe um movimento em direção a concepções mais elaboradas de interdisciplinaridade (ROSA *et al.*, 2017).

O artigo de Trajano (2018) “O combate ao consumismo infantil e a escola enquanto espaço de educação para a sustentabilidade” trata sobre as mudanças trazidas pelas sociedades contemporâneas modificando a forma de pensar o mundo. Desta maneira, segundo a autora, é importante que professores conheçam e pesquisem as práticas modernas geradas pela

globalização com o objetivo de alinhar o trabalho pedagógico às necessidades educacionais do aluno. Trajano comenta que um dos reflexos da globalização é o consumismo que toma conta das ações das pessoas e isso começa muito cedo, ainda na infância. A autora também enfatiza que ocorrem mudanças nas relações familiares com o passar dos anos e que atualmente os filhos deixaram de ser a prioridade dos pais, pois a busca pelo sucesso profissional se tornou muito importante e que a falta de atenção aos filhos é muitas vezes compensada com aquisição de bens e serviços, o que leva a criança desde cedo a acreditar que consumindo tem sua afetividade contemplada. O objetivo desse artigo foi sugerir projetos pedagógicos para combater o consumismo infantil e ao mesmo tempo tratar sobre educação financeira, integrando pais, filhos e comunidade em uma relação educativa, que esclareça sobre consumismo infantil e educação financeira em um processo de incentivo a economia e ao consumo sustentáveis. As metodologias utilizadas foram a pesquisa bibliográfica e a pedagogia de projetos. Também buscou mostrar que a educação pode ser vista como a possibilidade para enfrentar essa nova estruturação de sociedade e dar continuidade ao processo de desenvolvimento do sujeito de modo integral em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, por meio de práticas educativas ambientalmente sustentáveis que apontem para propostas pedagógicas centradas na criticidade dos sujeitos, com foco na mudança de comportamento e atitudes, ao desenvolvimento da organização social e da participação coletiva (TRAJANO, 2018).

Por fim, a tese de Freitas (2018) intitulada “Educação Ambiental, consumo e resíduos sólidos no contexto da educação infantil: um diálogo necessário com os professores” teve como motivação central a Educação Ambiental em resíduos sólidos para a formação das crianças na educação infantil. Essa pesquisa foi realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FCT/UNESP, Campus de Presidente Prudente/SP. O objetivo do estudo foi analisar como ocorre a Educação Ambiental em resíduos sólidos no contexto da educação infantil (pré-escola) em um município do interior do estado de São Paulo, a partir da formação, concepções e práticas pedagógicas das professoras. A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa, caracterizada como estudo de caso. Foram selecionadas 10 escolas, duas de cada região da cidade. A técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada com três membros da equipe gestora de educação infantil e 10 professoras de pré-escola. Os trabalhos de Educação Ambiental possuem respaldo nas “Diretrizes Pedagógicas para a Educação Ambiental da Rede Municipal de Ensino de Presidente Prudente”, que apontam discussões interdisciplinares, críticas das questões ambientais e sugerem o trabalho nas

questões comportamentais. São oferecidas apenas capacitações aos diretores e coordenadores das escolas que depois fazem reuniões com os professores durante a HTPC. A Educação Ambiental foi concebida pelas professoras principalmente pelo viés da conscientização ambiental e da abordagem das relações da criança com o meio em que vive. A palavra que mais se destacou na fala das professoras foi a reciclagem, com atividades de descarte seletivo em detrimento da abordagem dos resíduos a partir da ideia de ciclo. A maioria das professoras compreendeu a distinção entre consumo e consumismo. Os objetivos que orientaram as práticas dizem respeito à conscientização, à formação do pensamento crítico, ao cuidado, ao uso consciente dos recursos naturais e a novas atitudes. A metodologia usada foi a contação de histórias, exibição de vídeos, música, elaboração de desenhos e cartazes, pesquisas em revistas, atividades com as famílias, passeios na escola, coleta de materiais da natureza, atividades orais e a construção de brinquedos com materiais recicláveis. Esta pesquisa concluiu que a Educação Ambiental em resíduos sólidos pode ser realizada na educação infantil a partir de situações cotidianas e de atividades adequadas às possibilidades de compreensão das crianças, juntamente com as práticas docentes e uma formação crítica (FREITAS, 2018).

Entendemos que os conjuntos de trabalhos encontrados mostram a existência de uma preocupação da comunidade acadêmica em Educação Ambiental para com a temática. Os principais temas abordados foram referentes à educação para a sustentabilidade, à reutilização de recursos sólidos, à redução de desperdício, ao consumo sustentável e às estratégias de ensino para a Educação Ambiental.

Contudo, observando o total de trabalhos, notamos uma significativa escassez de publicações relacionadas mais diretamente ao tema aqui abordado, o que evidencia a necessidade de novos estudos que caracterizem o trabalho com a temática consumismo infantil nas práticas pedagógicas.



### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção apresentaremos os procedimentos metodológicos realizados neste estudo. Inicialmente, definimos pesquisa “(...) como um procedimento racional e sistemático” (GIL, 2010, p. 17). Assim, o objetivo é promover respostas para problemas, utilizando-se de métodos e técnicas de investigação, sendo que a pesquisa se desenvolve num processo contendo várias fases até poder se chegar aos resultados finais. O pesquisador também afirma que “Uma pesquisa sobre problemas práticos pode conduzir à descoberta de princípios científicos. Da mesma forma, uma pesquisa pura pode fornecer conhecimentos passíveis de aplicação prática e imediata” (GIL, 2010, p. 18).

Megid Neto (2011) alega que a pesquisa é um trabalho que apresenta e verifica dados por meio de métodos sistematizados, conseguindo assim conclusões dele decorrentes. Assim, entendemos que a pesquisa objetiva promover respostas aos problemas que são apontados (GIL, 2010).

Alguns pressupostos podem orientar o pesquisador no processo de desvendamento do objeto de estudo. Deste modo, foi escolhida a concepção qualitativa para o desenvolvimento desse trabalho. Segundo Bodgan e Biklen (1994):

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo (BODGAN; BIKLEN, 1994, p. 49).

Esses autores contemplam que na investigação qualitativa “Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico” (BODGAN; BIKLEN, 1994, p. 16).

Minayo (2016a, p. 20) esclarece que a pesquisa qualitativa trabalha “(...) com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Para a autora, esta abordagem se apropria do universo da produção humana, no qual o indivíduo age, pensa, interpreta suas ações e compartilha com seus semelhantes. Por conseguinte, pode-se afirmar que o foco da pesquisa qualitativa se dá no mundo das relações, das representações e da intencionalidade.

Os dados devem ser recolhidos a partir de um contato aprofundado com os

participantes da entrevista, em um contexto natural. Esse tipo de abordagem de caráter flexível permite que os sujeitos inseridos em seu ambiente respondam de acordo com sua perspectiva pessoal (BODGAN; BIKLEN, 1994).

Nesse sentido, é importante caracterizar o contexto de realização deste estudo. Inicialmente, foram convidadas duas unidades de ensino para participar da pesquisa, sendo ambas de Ensino Fundamental dos anos iniciais, que atendem alunos do 1º ao 5º ano em período parcial (manhã ou tarde), do município de São Carlos-SP. Primeiramente, pensamos em escolher duas escolas de diferentes regiões da cidade (uma mais central e outra mais periférica), com intuito de investigar realidades distintas. Segundo as gestoras das escolas convidadas, os estudantes da escola central possuem maior poder aquisitivo, enquanto que na escola da região periférica a situação socioeconômica dos alunos é menos privilegiada. Contudo, ao longo da pesquisa percebemos que tal característica não produziu efeitos em nossa investigação, conforme veremos na seção de apresentação dos resultados.

O contato com as escolas aconteceu durante o segundo semestre de 2018. Foi apresentado o projeto à coordenação e à direção das duas unidades estaduais de Ensino Fundamental dos anos iniciais e também à Diretoria de Ensino de São Carlos, que concedeu a autorização para a pesquisa nas escolas. O projeto foi protocolado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFSCar e submetido à Plataforma Brasil em dezembro de 2018, sendo aprovado conforme parecer número 3.176.630.

Os dados foram coletados a partir de diário de campo, entrevistas semiestruturadas e análises de documentos obtidos junto às unidades escolares. Falaremos brevemente sobre tais instrumentos.

Primeiramente, destacamos o papel do diário de campo, um instrumento muito importante nesta pesquisa, pois é nele que segundo Minayo (2016b, p. 65) “(...) escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevistas em suas várias modalidades”. Assim, o diário foi mantido pela pesquisadora e utilizado durante todas as etapas de campo realizadas durante o estudo.

Já a entrevista, segundo Gil (2008) pode ser definida como:

[...] a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte da informação (GIL, 2008, p. 109).

Para Marconi e Lakatos (2003), “A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 195).

Lüdke e André (1986, p. 34) ressaltam a vantagem da entrevista sobre outras técnicas: “(...) ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. Ainda segundo as autoras, na entrevista há possibilidade de correções, esclarecimentos e adaptações que assim colaboram para a obtenção dos dados desejados.

Outro ponto importante que Selltiz *et al.* (1967, p. 273, *apud* GIL, 2008, p. 109) destacam sobre se utilizar a entrevista enquanto uma técnica de coleta de dados é que a ela “(...) é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes”. Dessa forma, a entrevista oferece uma ampla flexibilidade nas respostas, e também oferece ao entrevistador captar a tonalidade de voz e expressões corporais dos entrevistados.

O tipo de entrevista escolhida foi a semiestruturada. Segundo Lüdke e André (1986, p. 34), esse tipo de entrevista “(...) se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”; tratando-se de uma entrevista mais livre, com poucas estruturas e adaptável às pessoas e às circunstâncias em que a entrevista está envolvida (GIL, 2008).

As entrevistas semiestruturadas envolveram professoras e a equipe gestora, possibilitando aos mesmos exporem seus pensamentos, perspectivas e entendimentos sobre o assunto pesquisado. Minayo (2016b) ainda aponta que essas entrevistas podem possuir perguntas fechadas e abertas, possibilitando o entrevistado falar sobre o tema sem se deter exatamente à questão formulada. Assim, além de questões sobre a formação e experiência profissional, há questões específicas sobre o tema consumismo e o trabalho docente em relação ao mesmo. É importante ressaltar que algumas questões presentes no roteiro foram inspiradas no estudo de Oliveira (2015) sobre representação social de professores acerca do tema consumismo. O roteiro utilizado pode ser encontrado no Apêndice 1.

Foram analisados alguns documentos das escolas, como os Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) e Planos de Gestão Escolar. A escola Ipê Branco disponibilizou somente o Plano de Gestão escolar, onde nenhum tópico referente ao consumismo infantil ou à

temática ambiental foi identificado. Na escola Ipê Amarelo obtivemos o PPP e o Plano de Gestão Escolar, no qual havia de forma sutil a indicação do Grêmio Estudantil para trabalhar temas relacionados à saúde e ao meio ambiente. Assim, considerando Bogdan e Biklen (1994), conseguimos nos aproximar de uma perspectiva oficial sobre a temática investigada.

Para testar os roteiros utilizados foi realizada uma entrevista piloto no mês de março de 2019, com uma professora e um diretor que não possuem vínculos com as escolas envolvidas neste estudo. Richardson (2012, p. 67) explica que o pré-teste “(...) consiste na aplicação preliminar de número reduzido de instrumentos aos elementos que possuem as mesmas características da amostra selecionada para estudo”. Nessa mesma perspectiva, Marconi e Lakatos (2003) ressaltam que o pré-teste tem como objetivo averiguar até que ponto os instrumentos têm condições de garantir resultados isentos de erros. Desta maneira, certas exigências devem ser levadas em consideração segundo essas autoras: a fidelidade de aparelhagem, a precisão e objetividade das entrevistas e os critérios de seleção da amostra.

A análise da entrevista piloto, que possuía 10 questões para a equipe gestora e 11 para as professoras, possibilitou adequações nas questões e resultou numa segunda versão do instrumento para os professores.

Após esses pequenos ajustes, chegou-se à versão final das perguntas para a entrevista: a) equipe gestora - composto por 10 questões; b) professoras – composto por 12 questões (Apêndice 1). Estas questões foram organizadas da seguinte maneira: perfil geral, formação geral e continuada, entendimento sobre a temática consumismo infantil e práticas desenvolvidas sobre o assunto, conhecimento sobre legislação e documentos educacionais que abordam o tema, a questão ambiental e palavra aberta. Desta maneira, foram criados quadros, de acordo com os eixos das entrevistas:

<b>Eixos do questionário</b>	<b>Questões</b>
Perfil Geral	1, 3
Formação Geral e Continuada	2
Temática Consumismo Infantil	4, 5, 6, 7
Consumo Consciente e Temática Ambiental	8, 9
Educação Ambiental	10, 11
Palavra Aberta	12

Quadro 5 - Organização do roteiro de entrevista para as professoras. Fonte: elaborado pela pesquisadora (2019).

<b>Eixos do questionário</b>	<b>Questões</b>
Perfil Geral	1, 3
Formação Geral e Continuada	2
Temática Consumismo Infantil	4, 5, 7, 9
Consumo Consciente e Temática Ambiental	6, 8
Palavra Aberta	10

Quadro 6 - Organização do roteiro de entrevista para as gestoras. Fonte: elaborado pela pesquisadora (2019).

No eixo intitulado como Perfil Geral, foram colhidas informações como: idade, nacionalidade, a escolha de ser professor, tempo que exerce a profissão (na rede estadual e na escola atual). Quanto à Formação Geral e Continuada, o eixo previu questões sobre: formação profissional, instituição de formação e curso de pós-graduação, de modo a delinear o perfil das professoras e das gestoras participantes da pesquisa.

Sobre a Temática Consumismo Infantil, foram inseridas perguntas sobre o conhecimento das professoras e das gestoras sobre a temática abordada, situações consumistas entre os alunos, se a temática é trabalhada e de que maneira, e se as professoras se sentem preparadas para trabalhar com as crianças a temática consumismo infantil.

Sobre o eixo Consumo Consciente e a Temática Ambiental, foram obtidas informações como: projetos para conscientização dos alunos sobre o consumo responsável, temática ambiental e a possível consciência dos danos ao ambiente derivados do consumismo.

Com relação à Educação Ambiental, foram questionadas sobre a prática ou trabalho em relação à Educação Ambiental na escola e a possível existência de documento ou proposta curricular que orientem o trabalho do professor em relação à Educação Ambiental.

Por fim, foi dada a palavra aberta às professoras e gestoras para que assim pudessem falar e expressar opiniões mais livremente sobre o assunto discutido.

Com o intuito de preservar o nome das escolas, das professoras e dos membros da equipe gestora, foram criados nomes fictícios, como Escola Ipê Amarelo com as professoras: Violeta, Orquídea e Azaleia; coordenadora: Tulipa. A outra escola foi a Ipê Branco com as professoras: Margarida e Hortência; coordenadora: Girassol.

Na escola Ipê Branco há duas salas de 5º ano (uma no período da manhã e outra no período da tarde). As duas professoras foram convidadas para participar desse estudo e também a coordenadora pedagógica. A escola Ipê Amarelo conta com quatro professoras de 5º ano e uma coordenadora pedagógica, convidadas também a participar desta pesquisa. O convite às professoras e à equipe gestora foi feito pessoalmente, com uma conversa cordial

em que foi explicado a elas o objetivo do trabalho, a entrevista e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – (Apêndices 1 e 2). Dessa forma, cada uma das professoras e membros da equipe gestora pôde tirar suas dúvidas e, a princípio, aceitar ou não a participação no processo da pesquisa.

Todas as pessoas da equipe gestora e professoras participantes dessa pesquisa são do sexo feminino. Vale ressaltar também que na escola Ipê Amarelo uma das professoras efetiva do 5º ano estava de licença sem data prevista para retornar ao trabalho, não podendo participar da pesquisa.

Foi nas próprias escolas e durante o ATPC (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo) das escolas Ipê Amarelo e Ipê Branco que as entrevistas aconteceram, de maneira simples e espontânea, onde cada participante pode falar e se expressar do jeito que achou melhor. De acordo com Gil (2008, p. 116-117), “É de fundamental importância que desde o primeiro momento se crie uma atmosfera de cordialidade e simpatia. O entrevistado deve sentir-se absolutamente livre de qualquer coerção, intimidação ou pressão”.

Após o término das entrevistas deu-se início à etapa de análise de dados. A técnica escolhida foi a análise de conteúdo (MORAES, 1999; FRANCO, 2005; RICHARDSON, 2012). Para Moraes (1999), a análise de conteúdo é uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar documentos, textos, entrevistas, cartas, gravações, etc., ou seja, um método de investigação que compreende procedimentos especiais para o processamento de dados científicos. Para o autor, o investigador nesse processo faz uma interpretação pessoal em relação aos dados. Não é possível fazer uma leitura neutra, pois toda leitura representa uma compreensão. Sendo assim, o contexto dentro do qual os dados foram analisados deve ser explicitado, reconstruído pelo pesquisador (MORAES, 1999).

Richardson (2012) ressalta que a análise de conteúdo como técnica de pesquisa apresenta determinadas características metodológicas como: a objetividade: conjunto de normas que minimiza a chance que o pesquisador tem de ver os resultados como reflexo da sua subjetividade; a sistematização: análise de todo o material, tanto aqueles que apoiam as hipóteses de pesquisador quanto os que não apoiam; a interferência: etapa que possibilita a passagem entre a análise e a interpretação.

Assim, Bardin (1977, *apud* FRANCO, 2005) destaca:

A análise de conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens... A intenção da análise de conteúdo é a

inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos, ou não) (BARDIN, 1977, p.38 *apud* FRANCO, 2005, p. 20).

Moraes (1999) destaca que a metodologia usada na análise de conteúdo é constituída de cinco etapas: a) a preparação das informações, b) a unitarização ou transformação de conteúdo em unidades, c) a categorização ou classificação das unidades em categorias, d) a descrição, e) por último a interpretação.

Especificamente neste estudo, a fase de preparo das informações (ou pré-análise) se iniciou com a organização do material das entrevistas. As respostas gravadas foram transcritas na íntegra e depois lidas para um contato inicial com o material para conhecer a estrutura da narrativa e assim obter as primeiras impressões e orientações (RICHARDSON, 2012). As transcrições foram feitas em documentos eletrônicos, organizados conforme cada participante. Posteriormente, como orienta Moraes (1999), tais documentos foram relidos com o propósito de destacar os dados que estavam efetivamente de acordo com o objetivo da pesquisa, identificando os elementos a serem analisados.

A partir disso, procedeu-se a etapa de unitarização, na qual se definiu a unidade de análise, que pode ser palavras, frases, temas etc., isolando-se cada uma delas.

Na etapa de unitarização há uma desconstrução do conteúdo em unidades, onde Moraes (1999) explica que nesse processo o importante é que estas unidades devem representar conjuntos de informações que tenham um significado completo entre si. É importante, a partir daí, definir as unidades de contexto que servirão de referência para as unidades de análise, fixando limites contextuais para assim interpretá-las.

No caso dessa pesquisa, a unidade de análise foi criada a partir de frases que representavam temas presentes nas respostas. Para esse processo, as frases/temas foram destacadas nos documentos eletrônicos de origem e, posteriormente, foram copiadas e transferidas para uma planilha eletrônica.

A próxima etapa foi a categorização, que para Moraes (1999) trata-se de uma classificação de elementos seguindo determinados critérios, em que o objetivo é facilitar a análise de informações, agrupando dados semelhantes, mas fundamentando-se numa definição precisa do problema, dos objetivos e dos elementos utilizados na análise de conteúdo.

Franco (2005) completa que, a categorização consiste na classificação de elementos

integrantes de um conjunto, diferenciando-os e fazendo um reagrupamento baseado em semelhanças, tendo para isso critérios definidos. Ressaltamos que, além da análise de questão por questão, foi feita uma análise global das entrevistas, o que permitiu a definição de duas categorias: “o conceito de consumismo infantil” e “o lugar da temática consumismo infantil no trabalho das professoras”.



#### 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentaremos os dados obtidos na pesquisa e suas análises. Conforme apresentado na seção metodológica, a pesquisa foi realizada em duas escolas do Ensino Fundamental dos anos iniciais de período parcial (manhã ou tarde) com a participação de docentes efetivas do 5º ano e equipe gestora. Também foi feita a investigação de documentos como PPP e Plano de Gestão.

Primeiramente, traremos informações sobre o perfil geral das entrevistadas, referentes aos eixos 1, 2 e 3 das entrevistas (Apêndice 1). São dados relativos à idade, nacionalidade, formação geral e tempo na respectiva escola de cada participante.

<b>ESCOLA IPE AMARELO</b>				
<b>Entrevistadas</b>	<b>Idade</b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Formação</b>	<b>Exercício da função na escola</b>
Coordenadora Tulipa	48 anos	Brasileira	Pedagogia	02 anos
Professora Violeta	41 anos	Brasileira	Pedagogia	19 anos
Professora Orquídea	54 anos	Brasileira	Biologia	13 anos
Professora Azaleia	39 anos	Brasileira	Psicologia e Pedagogia	09 anos
<b>ESCOLA IPE BRANCO</b>				
<b>Entrevistadas</b>	<b>Idade</b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Formação</b>	<b>Exercício da função na escola</b>
Coordenadora Girassol	49 anos	Brasileira	Letras e Ciências Econômicas	01 mês
Professora Hortência	42 anos	Brasileira	Pedagogia	02 anos
Professora Margarida	64 anos	Brasileira	Pedagogia e História	09 anos

Quadro 7 - Caracterização geral das participantes da pesquisa. Fonte: Compilado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2019).

Em relação à faixa etária, observamos que a maioria das participantes encontra-se na faixa de 40 até 49 anos (sendo duas professoras e duas coordenadoras); com idades entre 30 até 39 anos (uma professora); entre 50 até 59 anos (uma professora) e na faixa etária de 60 até 69 anos (uma professora). Todas as participantes da pesquisa são brasileiras.

Em relação à formação, todas possuem curso superior. Três participantes apresentam mais de uma graduação, sendo que três das participantes tem graduação em Pedagogia, duas possuem Pedagogia mais outra graduação (Psicologia ou História), uma é graduada em Biologia e a outra em Letras e Ciências Econômicas.

Sobre o tempo de exercício da função na escola, identificamos que a maioria das participantes está há bastante tempo em suas respectivas escolas. Quatro participantes estão há nove anos ou mais e três estão há dois anos ou menos.

Passaremos agora a discutir **o conceito de consumismo infantil** evidenciado pelas entrevistas. Ao serem questionadas se já ouviram falar sobre a temática e o que entendiam por consumismo infantil, todas declararam já terem ouvido falar sobre o termo. Entretanto, as respostas não demonstraram um entendimento consolidado ou uma ideia explícita sobre o que se entende por consumismo infantil, sendo que a maior parte das falas se relaciona às situações vivenciadas junto às crianças no cotidiano escolar. Isso nos remete aos saberes experienciais citados por Tardif (2014, p. 38-39), no sentido que “(...) professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio”, que estão ligados ao “(...) saber-fazer e de saber ser” (TARDIF, 2014, p. 39).

Assim, trazemos algumas respostas sobre o entendimento da temática:

“Sim, já; ah já ouvi. Tento trabalhar com as crianças, hum, não tão diretamente, mas de maneira mais subjetiva: por meio de notícia, aí tento relacionar o consumo com os impactos que isso tem na vida de ordem prática deles. Esses dias a gente trabalhou uma notícia sobre o uso do celular, e a gente levou um debate na sala de aula de quantos celulares eles já tiveram ao longo dos 10 anos de vida deles. Teve criança que falou que já teve 10 celulares, 9, 8, 7 e aí a gente foi conversando sobre essas questões né, então... hum, notícias sobre economia doméstica, por que, quais são as práticas dos mercados né, produtos muito acessíveis, abaixo, na altura da criança né, o apelo principalmente da alimentação, do brinquedo. E aí, a gente vai conversando sobre esses assuntos, no sentido do status né, né. Eu tenho que ter a boneca de 1000 reais né, pra eu tá na moda. Eu tenho que tá usando a camiseta “Vans”, isso, ou aquilo. Então assim, não é algo específico, um projeto determinado, mas eu tento trazer notícias que tenham relação sobre e que também falem ou levem à discussão da questão ambiental, do lixo, da produção de plástico, coisas desse tipo” (Professora Azaleia, Escola Ipê Amarelo, 2019).

Segundo a professora Orquídea da escola Ipê Amarelo, consumismo infantil se trata de tudo que as crianças querem, ou seja, tudo que desejam comprar. Couto (2017) destaca que na sociedade consumista, a pessoa é medida e avaliada segundo suas posses, pelos bens que possui e não pelos seus valores. Segundo a autora, quem não se encaixa nesse parâmetro acaba sendo marginalizado e, nesse sentido, consideramos essencial discutir essa temática com as professoras dos anos iniciais.

A professora Hortência também relata que:

“Já, já ouvi falar bastante sobre o consumismo infantil. É... eu entendo que às vezes os pais tentam suprir as necessidades dos filhos é..., oferecendo à eles coisas, é... tentando, é... sanar o problema, oferecendo coisas materiais à eles; e eles também vêm na televisão e querem consumir, querem aquilo que a propaganda oferece né” (Professora Hortência, Escola Ipê Branco, 2019).

Para Silva (2014), numa sociedade capitalista, desde muito cedo as crianças já sabem que quase tudo que desejam é realizado por meio da compra. Desta maneira, pais, educadores e sociedades precisam ter em mente quais os valores que querem transmitir às crianças. De acordo com Bauman (2008), a vida do consumidor, a vida de consumo, não se atribui à aquisição e posse, ou dispensar o que foi adquirido e exibido com orgulho. Para esse autor, trata-se principalmente em estar sempre em movimento, pois a satisfação após a compra de um produto é sempre momentânea e, como conseguinte, se faz necessário comprar sempre (BAUMAN, 2008). O pesquisador reforça que os consumidores são transformados em mercadoria:

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável (BAUMAN, 2008, p. 20).

Infelizmente, as falas das entrevistadas nos mostram que as crianças não são poupadas nesse processo. Esse olhar também esteve presente na fala da coordenadora Tulipa: “Criança pede demais tá. Eu quero, eu quero, eu quero, eu quero, eu quero. Eu compro, e os pais compram para suprir a falta que eles têm em casa... a falta deles, afetiva” (Coordenadora Tulipa, Escola Ipê Amarelo, 2019).

O que as docentes relatam condiz com Silva (2014), ao afirmar que devido à sociedade materialista em que vivemos, os pais estão cada vez mais envolvidos com seus trabalhos, não tendo tempo para se dedicar a sua família e aos seus filhos, e tentam compensá-los com bens materiais. As crianças, então, já aprendem que quanto mais os pais se ausentam, mais “recompensas” irão ganhar.

Trajano (2018) também reforça que:

Um exemplo pode ser facilmente percebido nas escolas, observando crianças que anualmente apresentam-se nas instituições com a mochila da moda, com o personagem do momento. As outras que não possuem tais itens ou seja que estão “por fora” dessas tendências podem se sentir isoladas e em muitos casos, pedem insistidamente aos pais, que compre tais itens, afinal os filhos, passam a desejar aquela mochila porque ela garante “status” no grupo, com isso os pais cedem e acabam comprando o objeto em questão, por vezes, sem a menor necessidade (TRAJANO, 2018, p. 02).

A professora Violeta da escola Ipê Amarelo relata que também já ouviu falar sobre a temática consumismo infantil e menciona que não é um consumo consciente, que as crianças

são influenciadas a consumir pela TV e datas comemorativas. Assim, Oliveira (2015) destaca que consumismo não é somente o ato de comprar, mas também está presente nos alimentos que consumimos e nos programas que assistimos. Para a autora, as festas que acontecem no ambiente escolar também contribuem bastante para o consumismo.

Para Freitas (2018), o consumismo é considerado “fenômeno mundial” devido à grande publicidade que a mídia produz para vender produtos. A autora ressalta que as propagandas, tanto da TV quanto dos outros meios de comunicação como internet, revistas, rádio etc., conduzem o pensamento das pessoas a um produto atraente e, assim, estimula sua compra.

Nesse sentido, concordamos com as informações disponibilizadas no sítio eletrônico do Instituto Alana <sup>10</sup> sobre o fato de que em nosso país a publicidade na internet e na TV são as principais ferramentas do mercado para convencer as crianças, o público infantil a integrar o mundo adulto, sendo assim expostas às relações de consumo sem estarem preparadas de fato para tanto.

A segunda categoria de análise propõe discutir **o lugar que o tema ocupa nas práticas pedagógicas e no cotidiano das professoras**, nas escolas investigadas. Assim, foi importante questionar se as educadoras já observaram situações consumistas entre os alunos da escola e em quais circunstâncias. Seis disseram já ter presenciado alguma situação. Uma professora e uma coordenadora relacionaram essa situação consumista com a cantina da escola; três professoras associaram com materiais escolares, uma professora relacionou o ato consumista de seus alunos com coisas novas que os alunos vão para a escola ou levam. Apenas a coordenadora da Escola Ipê Branco disse não ter observado nenhuma situação consumista entre os discentes, pois afirma que o poder aquisitivo dos alunos é baixo.

Segundo o estudo de Zecchin (2017), é claro que os alunos expressam desejos por objetos e se decepcionam quando não conseguem perpetuar esse propósito imediato de consumir, muitas vezes devido à condição financeira de suas famílias. O autor ainda destaca que os educandos sentem que precisam consumir para poder se integrar na sociedade na qual vivem.

Nessa mesma perspectiva, Bauman (2008, p. 42) enfatiza que é corriqueiro acreditar que “(...) aquilo que os homens e as mulheres lançados ao modo de vida consumista desejam e almejam é, em primeiro lugar, a apropriação, a posse e a acumulação de objetos, valorizados

---

<sup>10</sup> Material disponível em: <https://criancaconsumo.org.br/consumismo-infantil/>. Acesso em: 13/05/2020.

pelo conforto que proporcionam e/ou o respeito que outorgam aos seus donos”.

A Professora Orquídea (Escola Ipê Amarelo) menciona em sua entrevista que os educandos possuem a necessidade de mostrar o que têm, mesmo que seja o material escolar. Isso nos remete ainda à Bauman (2008) quando ele afirma que:

Bombardeados de todos os lados por sugestões de que precisam se equipar com um ou outro produto fornecido pelas lojas se quiserem ter a capacidade de alcançar e manter a posição social que desejam, desempenhar suas obrigações sociais e proteger a autoestima - assim como serem vistos e reconhecidos por fazerem tudo isso -, consumidores de ambos os sexos, todas as idades e posições sociais irão sentir-se inadequados, deficientes e abaixo do padrão a não ser que respondam com prontidão a esses apelos (BAUMAN, 2008, p. 74).

Segundo a Professora Hortência (Escola Ipê Branco), a clientela de sua escola é de baixa renda e alguns alunos acabam desejando o que os amigos levam ou têm. Couto (2017, p. 60) enfatiza que “O sentimento de insatisfação com o que se tem e a busca pela felicidade do que se almeja já atingem as crianças desde muito pequenas. Elas são bombardeadas de forma cruel, ensinadas a consumir alimentos, roupas, calçados, brinquedos”. Para a autora, isso se perpetua em consumidores cobiçosos, influenciados pela lógica capitalista, assegurando assim a perpetuação do consumo.

Entretanto, apesar de declararem vivenciar exemplos de situações consumistas entre os alunos, o trabalho sobre o tema parece não ser sistemático no cotidiano das participantes da pesquisa, conforme discutiremos a seguir.

Quando indagadas se e de que modo trabalham a temática consumismo infantil com seus alunos, duas professoras disseram que não trabalham:

“Não, não trabalho.” (Professora Orquídea, Escola Ipê Amarelo, 2019).

“Não, nunca trabalhei, mas seria um assunto legal né. Nunca trabalhei não.” (Professora Hortência, Escola Ipê Branco, 2019).

Outras três relataram trabalhar, mas não em um momento específico ou diretamente.

“Não, eu não tenho assim um momento específico, é... não vi ainda se nesse livro multidisciplinar que a gente vai trabalhar esse ano, que chegou novo, tem alguma coisa relacionada a isso, mas eu sempre opto por essas situações onde eu posso inserir o conteúdo né, o tema na verdade. Agora páscoa, conversei bastante com eles, disse sobre a necessidade de se consumir o chocolate, quão é ruim o açúcar né; como as pessoas acabam se esquecendo do valor que se tem, seja para qualquer religião, para qualquer doutrina, então assim, tentei conversar com eles nesse

aspecto, sempre pisando em ovos, porque a gente sabe que hoje em dia é muito delicado falar de qualquer coisa nesse sentido com eles, mas...” (Professora Violeta, Escola Ipê Amarelo, 2019).

“Dessa maneira, não é algo direto, específico, mas sempre eu tenho alguma notícia que dá pra fazer uma leitura compartilhada, trazer debate não só para essa temática, mas para outras de um modo geral. Eu tento.” (Professora Azaleia, Escola Ipê Amarelo, 2019).

“Na verdade, matéria mesmo assim, livro, essas coisa, não; mas a gente acaba, no que acaba acontecendo dentro da sala de aula, a gente acaba instruindo os alunos e trabalhando de uma maneira geral, ah... como... que não deve ser tão consumista, que é o valor do objeto ou a quantidade do que a gente tem que faz com que ele seja melhor ou pior né. Então, a gente tenta trabalhar dessa maneira, mas de acordo com as, com as circunstâncias que acontecem na sala de aula, no dia a dia.” (Professora Hortência, Escola Ipê Branco, 2019).

Segundo Couto (2017), a escola não tem que se preocupar em simplesmente preparar as crianças para o futuro. Para a autora, a escola representa mais do que isso, ela deve orientar os educandos, questionando fatos sociais, econômicos entre outros, que se fazem presentes na sociedade contemporânea para que os discentes reflitam sobre os mesmos. A Professora Hortência nos mostra essa preocupação, de orientar os educandos sobre o consumismo:

“Na verdade, matéria mesmo assim, livro, essas coisa, não; mas a gente acaba, no que acaba acontecendo dentro da sala de aula, a gente acaba instruindo os alunos e trabalhando de uma maneira geral, ah... como... que não deve ser tão consumista, que é o valor do objeto ou a quantidade do que a gente tem que faz com que ele seja melhor ou pior né. Então, a gente tenta trabalhar dessa maneira, mas de acordo com as, com as circunstâncias que acontecem na sala de aula, no dia a dia” (Professora Hortência, Escola Ipê Branco, 2019).

Oliveira (2015) considera que, “(...) quando a escola não problematiza, nem questiona o instituído, ela deixa de construir uma educação mais crítica sobre as práticas de consumo e contribui para reproduzir e naturalizar a lógica da sociedade do consumo” (OLIVEIRA, 2015, p. 43). A autora ainda ressalta que o desafio da escola é incentivar uma compreensão crítica da realidade, contribuindo para a remoção da lógica consumista.

A ausência de um trabalho planejado sobre o tema é ilustrada pela fala da professora Azaleia: “Dessa maneira, não é algo direto, específico; mas sempre eu tenho alguma notícia que dá pra fazer uma leitura compartilhada, trazer debate não só para essa temática, mas para outras de um modo geral eu tento” (Professora Azaleia, Escola Ipê Amarelo, 2019).

Apesar das dificuldades, a professora Orquídea ressalta a necessidade de trabalhar com o tema:

“Ah eu acho... eu acho que é importante, é um tema muito importante né; não só na escola, mas em todos os ambientes, mas é difícil a gente introduzir isso né. E em decorrência da quantidade do volume que a gente tem mesmo de conteúdo que a gente tem que passar pra eles né, e a gente é um só na sala, para contemplar tudo isso, mas eu acho que se você tiver uma sugestão, sempre é bem vinda. Essas coisas eu adoro, eu acho que seria ótimo” (Professora Orquídea, Escola Ipê Amarelo, 2019).

Oliveira (2015) destaca que, a partir da abrangência do fenômeno educacional e também do que está introduzido nos documentos legais, entende-se por educação para o consumo “(...) todo processo intencional ou não de socialização para o consumo, realizado em diferentes espaços educativos sejam eles formais ou não formais” (OLIVEIRA, 2015, p. 37).

Nossa pesquisa indica que, apesar de não haver uma inserção sistemática do tema (e da Educação Ambiental de modo geral) com as crianças nas realidades investigadas, ocorrem discussões sobre o consumismo infantil no dia a dia das escolas. Um exemplo é dado pela fala da coordenadora Tulipa informando que algumas professoras trabalham consumismo infantil com seus alunos em roda de conversa e com projeto de reciclar o lixo. Já para a coordenadora Girassol, as professoras conversam sobre cuidar do material escolar, não desperdiçar as coisas, embora não tenha um trabalho voltado especificamente para o consumismo.

O excesso de conteúdos principais citados pelas entrevistadas, como português e matemática, a pressão que sofrem tanto para cumprir todo o material, relacionado ao livro didático (Ler e Escrever) quanto com os resultados das avaliações externas são elementos dificultadores para o trabalho com a temática consumismo infantil. Contudo, Gauthier *et al.* (1998) nos lembram novamente que o ensino não se restringe somente aos conteúdos que devem ser transmitidos aos educandos. Para o autor, isso seria como minimizar essa atividade tão heterogênea que o professor tem em suas mãos, ou seja, instruir uma única proporção deixando de lado a complexidade de tudo que o magistério envolve.

Outro fator que pode influenciar a presença de uma maior intencionalidade no trabalho, sobre o consumismo infantil no cotidiano das professoras, pode estar ligado ao sentimento de “falta de preparo” para discutir o assunto. Apenas uma professora afirmou que sim, sente-se preparada para tanto. Duas disseram que estão parcialmente preparadas, uma participante não respondeu à questão e uma declarou não saber se está preparada por ser também consumista.

Segundo Gomes (2009), embora se tenha um cenário desafiador, há propostas reais para que o estudo do consumo seja incorporado efetivamente nas escolas. Para a autora, realizar pesquisas na área é essencial “(...) para que os resultados sejam compensatórios no sentido de facilitar a superação dessas dificuldades e promover a sensibilização e tomada de consciência de professores e alunos sobre o consumo e suas implicações” (GOMES, 2009, p. 67).

Nesse aspecto, não podemos deixar de considerar a importância que a discussão sobre a formação docente tem para a temática. Concordamos com Braga (2010), que enfatiza que é necessário um maior investimento na formação dos docentes, pois a escola é um espaço onde se proporciona a construção da convivência coletiva, salientando e ensinando a responsabilidade sobre o futuro da humanidade. Sendo assim, o professor exerce um papel importantíssimo nessa construção.

Em seu estudo, Zecchin (2017) constata a importância de uma formação docente que contribua para trabalhar questões da sociedade contemporânea. Dessa maneira, segundo a autora, os professores conseguiriam selecionar conteúdos que pudessem responder a essas questões possibilitando, assim, a integração das disciplinas e propiciando a formação de consciência crítica.

Nessa perspectiva, de acordo com Echeverría *et al.* (2009), as grades curriculares dos cursos de formação de professores deveriam ser reformuladas, para que contemplassem a complexidade das relações entre ser humano e meio ambiente. Dessa forma, promoveriam a formação continuada e possibilitariam a construção e reconstrução do educador ambiental. Também para esse autor, a Educação Ambiental precisa de novos objetos interdisciplinares, com problematização de paradigmas dominantes, da formação dos docentes, com o saber ambiental emergente em novos programas curriculares.

Em consonância, Uhmman e Vorpapel (2018) citam a importância de a Educação Ambiental estar também presente na formação de professores:

Acreditamos que o espaço de formação (inicial e continuada) próprio das licenciaturas, com foco em temas emergentes, a exemplo da EA, faz diferença na constituição de sujeitos críticos em relação à realidade, graças à possibilidade de trocas de vivências entre professores e licenciandos. Compreender, verificar, inferir e estudar como são desenvolvidas e sistematizadas as atividades de EA realizadas por professores da EB é considerar o processo de ensino em contextos diversificados de formação (UHMANN; VORPAGEL, 2018, p. 61).



Também no estudo de Rosa *et al.* (2017), fica claro a necessidade de a Educação Ambiental na formação de professores:

Sabemos que essa multiplicidade de visões e perspectivas referentes a EA e ambiente podem advir de questões de diferentes áreas de formação dos professores, da história de vida desses sujeitos e suas trajetórias acadêmico-profissionais, o que remete à necessidade da compreensão da inter-relação disciplinar presente nas questões que envolvem o ambiente, bem como todo o processo formativo docente (ROSA *et al.*, 2017, p. 91).

De acordo com Silva (2011), a escola é um organismo vivo onde também transcorrem processos indispensáveis para a realização do trabalho docente e sua formação contínua. Nesse sentido, a autora destaca esse espaço educacional como sendo um ambiente motivador e formador de seus integrantes despertando uma visão crítico-política capaz de propiciar mudanças na realidade (SILVA, 2011).

Vale ressaltar que o consumismo leva ao desperdício gerando uma grande produção de resíduos, provocando a degradação ambiental. Assim, a mudança de valores, principalmente transformações de hábitos e atitudes voltados para o respeito ao ambiente é de suma importância. Para tanto, se faz necessário reaproveitar materiais, realizar a coleta seletiva e ter cuidados com o armazenamento e acondicionamento dos lixos (SILVA, 2001). Entretanto, devemos nos atentar para não realizar tais ações unicamente numa perspectiva pragmática (LAYRARGUES; LIMA, 2014). A inserção sistemática do tema junto às crianças é essencial para um trabalho crítico e reflexivo e, conforme Couto (2017):

Mudar essa lógica utilitarista não é tarefa fácil, visto que demanda mudança de paradigmas envolvendo outros valores éticos, o que resultará em uma nova relação ser humano-natureza, diferente da vigente. É nesse contexto que se insere a EA crítica, a qual prevê, assim, a construção de uma cidadania responsável e atitudes coletivas compromissadas com a justiça social e ambiental em busca de um planeta mais sustentável, menos consumista, que priorize mais a lógica do “ser” do que do “ter”(COUTO, 2017, p. 63).

Esse “não lugar” da temática nas práticas escolares também é identificado quando perguntamos se existiam projetos na escola para a conscientização dos alunos com relação ao consumo responsável e sobre a temática ambiental. Nenhuma participante soube declarar a presença de um projeto para a conscientização do consumo responsável.

Quatro professoras e uma coordenadora responderam que existe algum trabalho ligado à temática ambiental, tais como os projetos do livro Ler e Escrever (material didático

fornecido pelo Estado). Uma professora respondeu não haver projetos para o consumismo infantil nem para Educação Ambiental. Uma coordenadora citou que na cantina da escola, por exemplo, há tentativa de conscientizar as crianças que não precisam gastar todo o dinheiro que levam.

“Não. Projeto assim não, mas a gente até tenta. No caso aí, a gente tenta na hora que vai fazer as propostas, a gente fala: Olha, você não quer gastar 4 hoje, né, ou você compra o lanchinho hoje, depois você compra o lanchinho amanhã. A gente tenta, mas a gente não consegue. P- E sobre a temática ambiental? E- O grêmio faz isso. O grêmio faz, o grêmio tem esse projeto de trabalhar com não jogar lixo no chão, é... o desperdício de comida, ele trabalha tudo isso: a torneira, a água, pra não deixar a torneira aberta nunca, lá no banheiro, tudo isso” (Coordenadora Tulipa, Escola Ipê Amarelo, 2019).

Nesse sentido, Braga (2010, p. 85) destaca que “A Educação para o Consumo é fundamental para o desenvolvimento individual das pessoas, considerando que o papel da escola é o de garantir um conhecimento que propicie uma vida melhor”. Segundo a autora, as crianças estão envolvidas por muitas transações e negociações comerciais, inclusive na escola, e reforça que: “Os professores, por desconhecerem e não estarem preparados para transformar tais situações em práticas pedagógicas efetivas, perdem a oportunidade em provocar reflexão e tomada de consciência quanto a responsabilidade de cada um como cidadão” (BRAGA, 2010, p. 83).

Entretanto, conforme Oliveira (2015), não podemos deixar de considerar que o professor é subordinado a estruturas hierárquicas que interferem na sua prática. Também o professor não pode ser considerado o único responsável pelas práticas educativas que acontecem na escola. Muitos atores escolares fazem parte desse processo. Em seu estudo, Oliveira e Moura (2017) ressaltam que:

O debate, a reflexão e a promoção de atitudes em prol do consumo consciente e da minimização dos impactos dos resíduos na sociedade são necessários para disseminar informações acerca das alterações sociais, das consequências e das principais medidas aplicáveis para a mitigação dos impactos ambientais no mundo. Por meio da Educação Ambiental é possível promover uma série de estratégias para a transformação dos resíduos em objetos úteis no cotidiano e, ao mesmo tempo, desenvolver diferentes habilidades nos estudantes. A escola potencializa o desenvolvimento de aprendizagens atitudinais, procedimentais e conceituais; como espaço de construção de conceitos, ideias e práticas, também influencia a comunidade externa mediante aprendizado social, cujo foco é a construção de uma sociedade mais humana e menos mercadológica (OLIVEIRA; MOURA, 2017, p. 128).

De acordo com a professora Orquídea da escola Ipê Amarelo, a temática ambiental é

trabalhada eventualmente. Entretanto, concordamos com Lelis *et al.* (2016, p. 102) quando enfatizam que “(...) o ambiente escolar é de fundamental relevância para a implementação de ações de Educação Ambiental, voltadas ao fortalecimento da capacidade de decisão individual e às práticas de saúde e autocuidado”.

Quando questionadas se os alunos têm consciência dos danos causados ao ambiente derivados do consumismo, três participantes disseram que eles não têm; duas revelaram que parcialmente os alunos teriam essa consciência; uma disse que às vezes, e outra mencionou que só alguns têm.

Crespo (1998) considera que, quando as pessoas têm conhecimento sobre as consequências prejudiciais de seus atos e têm o domínio perfeito dos conceitos necessários à compreensão das relações entre o processo social e o natural, estão aptas a modificar hábitos e atitudes. Desta maneira, a prática de uma Educação Ambiental relacionada à educação para a cidadania pode orientar para mudanças de comportamentos e também evidenciar os direitos e deveres dos cidadãos.

Andrade (2012) ressalta que, no entanto, essa tarefa de buscar um desenvolvimento sustentável e de desenvolver em seus educandos um espírito crítico frente ao consumismo exacerbado, o senso de responsabilidade no uso dos recursos naturais que é patrimônio da humanidade, perpassa por bons exemplos, boas práticas, por uma Educação Ambiental integrada, por uma gestão eficaz, participativa, que promova o diálogo na busca de alternativas ambientalmente apropriadas para obter os objetivos pretendidos.

Braga (2010) nos provoca a pensar que o modelo de consumo irracional, motivado pelos desejos e necessidades não reais, é um dos grandes inimigos da natureza. A falta de consciência do consumismo exagerado resulta, assim, na diminuição dos recursos naturais, que são limitados, podendo comprometer as gerações futuras, pois quanto mais escasso for o recurso menor será o número de pessoas que terão acesso a ele (BRAGA, 2010).

Assim, Freitas (2018, p. 201) considera que o entendimento que o docente tem a respeito dos resquícios do consumo é de muita relevância “(...) pois além de fomentar os trabalhos na Educação Ambiental, possibilita a aquisição de hábitos e valores a respeito da destinação correta dos resíduos, o consumo consciente e o ciclo de vida dos produtos”.

Contudo, nos parece que não só a temática do consumismo infantil não está presente de modo pleno e significativo nas situações abrangidas por este estudo, mas a Educação Ambiental como um todo. Quando indagadas sobre práticas ou trabalhos em relação à

Educação Ambiental na escola, três professoras falaram não existir nenhuma prática; uma mencionou ter práticas a respeito do lixo reciclável, e uma professora disse que as práticas estão relacionadas com o que está no livro Ler e Escrever.

Quanto à essa questão, Silva (2014) ressalta que:

Na esfera social e das instituições, veremos que crianças menos consumistas se tornarão adultos mais justos e éticos frente às diferenças e às desigualdades sociais. Crianças conscientes da necessidade de preservar os recursos naturais do planeta serão adultos cientes da grandeza da vida, o que se perpetuará naqueles que vão sucedê-los (SILVA, 2014, p. 102).

A Professora Margarida revela que só trabalha práticas ambientais quando observa alguma “coisa” referente ao tema. Entretanto, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Básica (2013), é importante que a Educação Ambiental tenha uma abordagem complexa e interdisciplinar nas práticas pedagógicas, pois desta maneira fica possível que os alunos percebam o meio ambiente em sua total importância (BRASIL, 2013).

Quando questionadas sobre a existência de algum documento ou proposta curricular que oriente tanto as professoras quanto a equipe gestora em relação ao trabalho com Educação Ambiental, apenas uma professora mencionou que talvez a BNCC, e uma coordenadora que mencionou o currículo da escola, as demais participantes demonstraram desconhecimento sobre tais documentos oficiais com esta abordagem.

Desta maneira, percebemos o distanciamento existente entre os saberes e práticas pedagógicas das docentes em relação às propostas curriculares, bem como das diretrizes da BNCC que fazem referência ao trabalho docente referente ao consumo. De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018, p. 321), é importante proporcionar que os “(...) alunos tenham um novo olhar sobre o mundo que os cerca, como também façam escolhas e intervenções conscientes e pautadas nos princípios da sustentabilidade e do bem comum”. A BNCC propõe, por exemplo, que se estimule a construção de hábitos saudáveis e sustentáveis nos alunos, como também que se tornem capazes de avaliar hábitos de consumo que envolvam recursos naturais e artificiais que não prejudiquem a vida em nosso planeta.

Para Andrade (2012), a tarefa de desenvolver nos discentes um espírito crítico diante do consumismo exacerbado e da responsabilidade no uso dos recursos naturais se consegue por meio de bons exemplos e boas práticas. Também o diálogo em busca de alternativas e a discussão sobre os problemas ambientais consequentes do consumismo são alternativas para

esses desafios.

Vale ressaltar que há um sentimento favorável à realização de um trabalho mais intencional sobre o consumismo infantil nas práticas das professoras. Quando foi dada a palavra aberta às participantes, tivemos contribuições como: “Acho que é uma falha nossa não trabalhar a preservação ambiental e o consumismo” (Professora Hortência, Escola Ipê Branco).

Tardif (2014) reforça que é necessário que os professores tenham condições de pensar e planejar o trabalho de maneira intencional, acrescentando a sua prática saberes que possam o auxiliar na aprendizagem crítica de seus alunos, proporcionando-lhes condições para enfrentar situações corriqueiras da vida moderna:

[...] os professores ocupam uma posição estratégica no interior das relações complexas que unem as sociedades contemporâneas aos saberes que elas produzem e mobilizam com diversos fins. No âmbito da modernidade ocidental, o extraordinário desenvolvimento quantitativo e qualitativo dos saberes teria sido e seria ainda inconcebível sem um desenvolvimento correspondente dos recursos educativos e, notadamente, de corpos docentes e de formadores capazes de assumir, dentro dos sistemas de educação, os processos de aprendizagem individuais e coletivos que constituem a base da cultura intelectual e científica moderna (TARDIF, 2014, p. 33-34).

Freitas (2018, p. 220) enfatiza como necessário para se concretizar o trabalho com Educação Ambiental nas escolas “(...) a valorização dos saberes que os professores constroem por meio da experiência, a partir da articulação entre teoria e prática, e as parcerias firmadas com o poder público, as famílias e a comunidade”. Para a autora, esses saberes e a vivência que o professor constrói são muito importantes para o trabalho educativo na formação de valores e atitudes nos discentes.

Entendemos que o professor não pode ser apontado como “o único culpado” por não trabalhar de maneira contínua em sala de aula a temática aqui abordada. Diversos autores apontam que os cursos de formação docente, na sua maioria, oferecem em sua grade curricular embasamentos teóricos de conteúdos obrigatórios, não preparando o professor para lidar com perspectivas da realidade atual (GATTI, 2008; BRAGA, 2010; ZEICHNER, 2008).

Por conseguinte, Gatti (2008) ressalta a necessidade da renovação do currículo na formação de professores:

O surgimento de tantos tipos de formação não é gratuito. Tem base histórica em condições emergentes na sociedade contemporânea, nos desafios colocados aos

currículos e ao ensino, nos desafios postos aos sistemas pelo acolhimento cada vez maior de crianças e jovens, nas dificuldades do dia-a-dia nos sistemas de ensino, anunciadas e enfrentadas por gestores e professores e constatadas e analisadas por pesquisas (GATTI, 2008, p.58).

Desta maneira, Freire (1996, p. 17-18) reforça que o professor precisa ir além da sua formação: “O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, "desarmada", indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito”.

Blachechen (2008) aborda que, diante do contexto de crise ambiental, a educação precisa se tornar fórum do debate e de busca de soluções para um futuro sustentável, a partir de ações educativas levando a refletir sobre o valor da natureza, e sensibilizar sobre os comportamentos ambientalmente éticos, por meio de uma reeducação de hábitos de produção, consumo e acumulação de bens. Desta maneira, para se conseguir uma sociedade responsável e preocupada em resolver os problemas ambientais, defendemos uma Educação Ambiental crítica e reflexiva. Freitas (2018) ainda nos faz refletir que:

[...] o papel da Escola diante da transformação social faz parte de um contexto político, econômico e social mais amplo. Temos consciência dos interesses divergentes por parte do poder público, dos empresários e da sociedade em geral perante as questões ambientais, especificamente com relação aos padrões de produção e consumo. Por outro lado, a sustentabilidade ambiental exige a adoção de padrões de produção que minimizem a poluição e o uso dos recursos naturais, assim como a redução do consumo e a gestão e gerenciamento eficientes dos resíduos sólidos (FREITAS, 2018, p .219).

Por fim, a análise dos resultados nos permitiu elencar **elementos dificultadores e potencializadores** do trabalho com a temática nos anos iniciais. Como discutido até aqui, dentre os elementos **dificultadores** encontrados pela pesquisa apontamos a falta de conhecimento das docentes quanto a documentos legais sobre o assunto e o sentimento de “despreparo” que muitas professoras mostraram em relação ao tema. A falta de tempo também aparece como um empecilho, pois, segundo elas, a grande quantidade de conteúdo para transmitir para os alunos, principalmente de português e matemática, dificulta trabalhar mais a temática consumismo.

Ainda sobre os elementos dificultadores, destacamos o despreparo das docentes em propor um trabalho com práticas pedagógicas realmente significativas sobre o consumismo infantil e Educação Ambiental crítica. Esse fato está ligado intrinsecamente à formação inicial

do professor, que não consegue dar conta de todos os problemas sociais da sociedade contemporânea e assim destaca-se a importância da formação continuada (GATTI, 2008) como uma possibilidade para o crescimento e desenvolvimento profissional do docente (NÓVOA, 1997).

Quanto aos elementos **potencializadores** de práticas referentes ao consumismo infantil destacamos o fato de que as docentes e gestoras já ouviram falar sobre o tema consumismo infantil e de alguma forma a maioria já trabalhou o assunto com os alunos. Também se mostraram interessadas em saber mais sobre o consumismo infantil e a importância da Educação Ambiental, bem como essa temática é pertinente para a discussão com seus discentes.

Entendemos que uma possibilidade para que esse trabalho se concretize nos anos iniciais do Ensino Fundamental seria a implementação de projetos e ações junto às crianças, para que as levem a refletir sobre o consumismo numa perspectiva da Educação Ambiental crítica, e sem dúvidas, realizar investimentos na formação inicial e continuada docente, inclusive no que diz respeito às discussões dos documentos curriculares vigentes (tais como a BNCC) e também as bases legais (federal, estadual e municipal) da Educação Ambiental. Em relação às práticas pedagógicas, diversas são as possibilidades, como estudos do meio para sensibilização ambiental, rodas de discussão da realidade socioambiental, atividades que envolvam a comunidade escolar em projetos para a preservação do ambiente, integrar as disciplinas para um melhor desenvolvimento dos projetos, palestras, jogos educacionais voltados para a temática, entre outros.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendo que o Mestrado Profissional em Educação é de suma importância para o meu aperfeiçoamento como educadora, profissional e pesquisadora por proporcionar a oportunidade em tecer reflexões, aprimorar conhecimentos e o raciocínio crítico da situação problema, podendo, assim, contribuir para um melhor processo educativo e social. E, segundo Freire (1981, p.79), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Há 18 anos, quando comecei a fazer meu TCC a respeito do comportamento consumista das crianças e sua relação com as influências televisivas, não tinha a percepção de quanto o professor pode contribuir sobre esse assunto. Foi no final do meu trabalho, que me dei conta de que a escola e o professor exercem um papel fundamental para despertar nas crianças a consciência de se consumir de maneira responsável e também propor reflexões e atitudes para minimizar os danos que esse consumo causa ao ambiente. Então, a partir daí surgiu a vontade de aprimorar ainda mais questões que envolvem essa temática, e isso foi o que me trouxe ao mestrado.

Como professora da educação infantil, sinto a necessidade de trabalharmos essa temática com nossos alunos desde muito pequenos, pois assim, estaremos contribuindo para que eles cresçam preparados para exercerem um consumo consciente nesta sociedade de consumidores (BAUMAN, 2008), que os envolve de maneira fascinante e ilusória, bem como despertá-los para os cuidados com os recursos da natureza que são esgotáveis.

Infelizmente, esta pesquisa nos mostrou que o trabalho com a temática consumismo infantil ainda não ocorre de modo pleno, significativo e sistemático no cotidiano da realidade investigada. Há um desconhecimento de documentos oficiais referente ao assunto e sobre a Educação Ambiental. Nesse sentido, nos preocupamos pelo fato de que a temática abordada por essa pesquisa fica em segundo plano ou para quando houver uma situação oportuna. Dessa maneira, é postergada a discussão sobre o consumo consciente da Educação Ambiental crítica como um todo.

Podemos dizer que algumas dificuldades estiveram presentes no decorrer dessa pesquisa, tais como as poucas publicações acadêmicas com temas referentes ao posicionamento do professor frente ao consumismo de seus alunos, nos mostrando assim, a importância de discutirmos e pesquisarmos tal temática. Além disso, havia um desejo de



envolver os alunos na pesquisa, mas que por condições do tempo de realização do mestrado e o volume de dados a ser analisado, acabou não sendo concretizado.

Esta pesquisa também nos permitiu a compreensão que existe uma lacuna nos cursos de formação inicial de professores, pois esses não conseguem abranger todas as questões sociais. Isso nos mostra a importância da renovação dos projetos pedagógicos desses cursos bem como a formação continuada, contemplando iniciativas que abarquem a realidade do mundo moderno e que, segundo Nóvoa (1997), auxiliem os professores a buscarem um olhar questionador e crítico sobre sua prática, evidenciando assim, a pertinência do desenvolvimento do profissional docente.

Trazemos também a importância do saber pedagógico (GAUTHIER *et al.*, 1998), bem como os saberes plurais do professor (TARDIF, 2014) como conhecimentos que podem ajudar o docente a trabalhar questões tão relevantes como o consumismo infantil e também com os desafios de uma Educação Ambiental crítica e reflexiva, despertando em seus educandos o compromisso socioambiental e atitudes conscientes. Assim, com um comprometimento ético-político-pedagógico, o professor estará cumprindo seu papel de transformador social (FREIRE, 1996), como mediador da aprendizagem e possibilitando reflexões para uma aprendizagem realmente efetiva e transformadora.

Logo, a escola como instituição social se apresenta como espaço fundamental para se trabalhar o consumismo infantil e a temática ambiental, pois é nela que os professores podem estimular seus discentes a terem uma visão crítica sobre essa temática propondo alternativas para reverter essa situação. Porém, com um conteúdo extenso para transmitir aos alunos, as professoras muitas vezes não conseguem inserir o tema de modo contínuo na organização do trabalho pedagógico.

Em suma, o tema abordado nesta pesquisa é extremamente relevante diante do cenário social que tem se apresentado. Acreditamos que o professor possua sim muitos desafios quanto ao trabalho com a temática consumismo infantil com seus alunos, mas consideramos também que ele desempenha mais uma vez um papel de grande relevância na vida de seus educandos. Por meio de práticas pedagógicas estruturadas e frequentes possa despertá-los e conscientizá-los para tal realidade. Construir uma consciência crítica nos educandos, sobre a cultura do consumo e suas consequências, pode ser uma forma de mudar o futuro comprometedor dos recursos naturais disponíveis em nosso planeta. Esperamos que este trabalho contribua para discussões sobre o tema e que fomente novas pesquisas envolvendo os desafios da prática docente frente à Educação Ambiental e ao consumismo infantil e também

o posicionamento dos alunos diante dessa questão.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTINI, M. N. B.; DOMINGUES, S. C. Infância, consumo e educação: conexões e diálogos. **Rev. Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 21-37, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2016v13n1p21/31417>. Acesso em: 30 set. 2018.
- ANDRADE, V. S. da C. S. **Gestão ambiental em instituição escolar: possibilidades e desafios para o Caic Aureliano Joaquim da Silva (Ituiutaba – MG)**. 2012. 126 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFU, Uberlândia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16149/1/d.pdf>. Acesso em: 05 set. 2019.
- ARAÚJO, C. M. de *et al.* Para pensar sobre a formação continuada de professores é imprescindível uma teoria crítica de formação humana. **Cad. CEDES [online]**, vol. 35, n. 95, p. 57-73, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35n95/0101-3262-ccedes-35-95-00057.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.
- BARLEM, E. L. D. *et al.* Programas televisivos infantis na inculcação de habitus precursores da consciência ambiental e equidade de gênero. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 17, p. 392-406, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3094/1766>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- BATISTA, I. **A Educação Ambiental como instrumento de transformação ética e como possibilidade de direcionamento do consumo**. 2012. 130 p. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental e Sociedade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/221/Dissertacao%20Ildemar%20Batista.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 abr. 2020.
- BAUMAN, Z. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BISSACO, C. M. *et al.* Consumismo infantil: um olhar Bakhtiniano às ideologias veiculadas pela mídia. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 32, n.1, p. 209-228, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5019/326>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- BLACHECHEN, B. M. **Abordagem ambiental em livros didáticos de ciências de 1ª a 8ª série em 1983 e 2008: um estudo comparativo**. 2008. 179 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Furb, Blumenau, 2008. Disponível em: [https://bu.furb.br/docs/DS/2008/330758\\_1\\_1.pdf](https://bu.furb.br/docs/DS/2008/330758_1_1.pdf). Acesso em: 17 abr. 2019.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez; Sara Bahia dos Santos; Telmo Mourinho Baptista. Revisor Antonio Branco Vasco. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BORBA, A. M. As culturas da infância no contexto da educação infantil. In: VASCONCELOS, T. (org.) **Reflexões sobre infância e cultura**. Niterói: EdUFF, 2008. p.

73-92.

BRAGA, A. R. **Educação econômica**: um olhar sobre a educação ambiental. 2010. 249 p. Tese (Doutorado em Educação). – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2010. Disponível em:  
[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/251512/1/Braga\\_AdrianaRegina\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/251512/1/Braga_AdrianaRegina_D.pdf)  
 f. Acesso em: 05 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em:  
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf).  
 Acesso em: 02 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Secretaria da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: meio ambiente e saúde. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=263&Itemid=253>.  
 Acesso em: 15 de set. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 21 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010**. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos. Brasília: MEC, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007\\_10.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf). Acesso em 03 out. 2019.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Tradução Maurício Santana Dias. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CANOBRE, S. C. *et al.* Estratégias pedagógicas fundamentadas na pesquisa-ação participativa para a sensibilização de educandos de escolas do campo de Uberlândia (MG) sobre o tema “água”. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, v. 12, n. 2, p. 24-39, 2017. Disponível em:  
<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/12687>. Acesso em: 02 ago. 2019.

CASTRO, L. R. de. Infância e o consumismo: re-significando a cultura. *In*: CASTRO, L. R. de. (org.). **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: Nau, 1998. p. 138-148.

CASTRO, R. S. de; SPAZIANNI, M. de L. Vygotsky e Piaget: contribuições para a Educação Ambiental. *In*: NOAL, F. O; REIGOTA, M.; BARCELOS, V. H. L. (org.). **Tendências da Educação Ambiental Brasileira**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998. p. 195-210.

CHIMENTÃO, L. K. **O significado da formação continuada docente**. 4º CONPEF.

Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar. Londrina, Paraná, 2009. Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/comunicacaooralartigo/artigocomoral2.pdf>. Acesso em 11 abr. 2020.

CINQUETTI, H. C. S. **Educação ambiental e resíduos sólidos**: um estudo com professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. 2002. 349 p. Tese (Doutorado em Educação Escolar). - FCL, Unesp, Araraquara, 2002.

CODO, W. **O que é alienação**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos).

COUTO, A. R. O. **Educação Ambiental**: construção de um processo formativo em educação infantil em uma perspectiva crítica. 2017. 178 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – UNICAMP, Campinas, 2017. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330576/1/Couto\\_AdrianaReginaDeOliveira\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330576/1/Couto_AdrianaReginaDeOliveira_M.pdf). Acesso em: 25 fev. 2020.

CRESPO, S. Educar para a Sustentabilidade: a Educação Ambiental no programa da Agenda 21. In: NOAL, F. O.; REIGOTA, M.; BARCELOS, V. H. L. (org.). **Tendências da Educação Ambiental Brasileira**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998. p. 211-225.

ECHEVERRÍA, A. R. *et al.* Educação ambiental em escolas particulares de Goiânia: do diagnóstico a proposições sobre formação de professores. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 63-86, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/index>. Acesso em: 19 ago. 2018.

FRANCO, M. A. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (on line)**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v97n247/2176-6681-rbeped-97-247-00534.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à uma prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Política e educação**: ensaios. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v. 23).

FREITAS, N. T. A. **Educação Ambiental, consumo e resíduos sólidos no contexto da educação infantil**: um diálogo necessário com os professores. 2018. 254 p. Tese (Doutorado em Educação) – Unesp, Presidente Prudente, 2018. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154210/freitas\\_nta\\_dr\\_prud.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154210/freitas_nta_dr_prud.pdf?sequence=3&isAllowed=y). Acesso em: 25 fev. 2020.

GATTI, B. A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. **Revista Brasileira de Educação**. v. 13, n. 37, p. 57-70, jan./abr. 2008. Disponível

em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/06.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.

GAUTHIER, C. *et al.* **Por uma teoria da pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Unijuí, 1998.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOMES, L. R. **Educação através do design e as práticas educacionais sobre consumo sustentável no Ensino Fundamental público de Curitiba**: panorama e possibilidades. 2009. 160 p. Dissertação (Mestrado em Design), UFPR, Curitiba, 2009. Disponível em: [http://www.um.pro.br/prod/\\_pdf/001468.pdf](http://www.um.pro.br/prod/_pdf/001468.pdf). Acesso em: 05 set. 2019.

INSTITUTO ALANA. Consumismo infantil – um problema de todos. **Criança e consumo**, 2020. Disponível em: <https://criancaconsumo.org.br/consumismo-infantil/>. Acesso em: 18 mar. 2020.

LAMANA, I. C. A. C.; FERNANDES, M. I. P. **O comportamento consumista de crianças em idade escolar e sua relação com as influências televisivas**. 2005. 49 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Centro Universitário Central Paulista, São Carlos, 2005.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. da C. As macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental brasileira. **Revista Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XVII, n. 1, p. 23-40, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/asoc/v17n1/v17n1a03.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2020.

LELIS, M. M. de A. *et al.* Carta da Terra para Crianças como estratégia de promoção da sustentabilidade ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 101-114, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/2180>. Acesso em: 03 ago. 2019.

LINN, S. **Crianças do consumo**: a infância roubada. Tradução Cristina Tognelli. São Paulo: Instituto Alana, 2006.

LOUREIRO, C. F. B. *et al.* Conteúdos, gestão e percepção da Educação Ambiental nas escolas. In: TRAJBER, R.; MENDONÇA, P. R. (org.). **Educação na diversidade**: o que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007. (Coleção Educação para Todos, Série Avaliação, n. 6, v. 23, p. 35-245, 2007).

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINELLI, F.; MOÍNA, A. Comunicação, consumo e entretenimento no universo infantil: o celular como telefone ou brinquedo? *In*: VEET, V. (Coord.). **Infância & consumo**: estudos no campo da comunicação. Brasília: ANDI; Instituto Alana, 2009. p 59-70.

MARTINES, D. S. dos S. Educação e consumismo infantil: reflexões sobre o consumo exagerado na infância e o papel da escola. *In*: Congresso Nacional de Iniciação Científica, 17, 2017, São Paulo, SP. **Anais [...]**. São Paulo: Semesp, 2017. Disponível em: <http://conic-semesp.org.br/anais/files/2017/trabalho-1000024451.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.

MEGID NETO, J. Gêneros de trabalho científico e tipos de pesquisa. *In*: KLEINKE, M.U.; MEGID NETO, J.; NEGRAO, O. B. M. (org.). **Fundamentos de matemática, ciências e informática para os anos iniciais do Ensino Fundamental**. Campinas: Faculdade de Educação – UNICAMP. 2011. v.3. p. 125-132.

MINAYO, M. C. de S. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. de S. (org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016a. p. 9-28. (Série Manuais Acadêmicas).

MINAYO, M. C. de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. *In*: MINAYO, M. C. de S. (org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016b. p. 56-71. (Série Manuais Acadêmicas).

MORAES, R. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**: Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. *In*: NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1997. p. 15-34.

NUNES, L. S. R.; BOMFIM, A. M. do. Estética e Educação Ambiental: primeiras reflexões sobre cenários e imagens no processo de alienação da natureza. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v.34, n.3, p. 245-262, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/7353/4903>. Acesso em: 03 ago. 2019.

OLIVEIRA, D. P. de. **Educação para o consumo no cotidiano escolar**: um estudo de representações sociais. 2015. 253 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/16012/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20vers%C3%A3o%20final%20.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.

OLIVEIRA, L. A. de; MOURA, J. D. P. Educação Ambiental por meio da reutilização de resíduos e construção de jogos. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 12 n. 2, p. 127-135, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/2299>. Acesso em: 03 ago. 2019.

OLIVEIRA, M. W. de; *et al.* Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. *In*: REUNIÃO DA ANPED, 32, 2009, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPEd, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt06-5383-int.pdf>. Acesso em: 28 set. 2018.

PEREIRA, D. R. **Consumismo e educação infantil**: um estudo sobre crenças e hábitos de docentes e alunos. 2018. 330 p. Tese (Doutorado em Educação) – Unesp, Marília, 2018. [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154332/pereira\\_dr\\_dr\\_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154332/pereira_dr_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y). Acesso em: 12 fev. 2020.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ROSA, M. D. A. *et al.* As perspectivas de ambiente e de Educação Ambiental nos projetos de professores da Educação Básica em um curso de formação continuada. **Ambiente & Educação-Revista de Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 22, n. 2, p. 88-108, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/8435/5484>. Acesso em: 25 fev. 2020.

SILVA, A. B. B. **Mentes consumistas**: do consumismo à compulsão por compras. São Paulo: Globo, 2014.

SILVA, A. P. da. **Educação Ambiental em resíduos sólidos nas unidades escolares municipais de Presidente Prudente** – SP. 2009. 207 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FCT, Unesp, Presidente Prudente, 2009. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/96714/silva\\_ap\\_me\\_prud.pdf?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/96714/silva_ap_me_prud.pdf?sequence=1). Acesso em: 05 set. 2019.

SILVA, D. R. da; FESTA, P. S. V. Infância, consumo e ambiente escolar : reflexões sobre o desenvolvimento infantil na sociedade contemporânea . **Ensaios Pedagógicos Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET**, Curitiba, n.10, p. 49-60, dez. 2015. Disponível em: <http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n10/ARTIGO4.pdf>. Acesso em: 21 set. 2018.

SILVA, J. da C. M. Formação continuada dos professores: visando a própria experiência para uma nova perspectiva. **Revista Iberoamericana de Educação**, Madri, v. 55, n.3, p. 1-11, 2011. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/1600>. Acesso em: 11 abr. 2020.

SILVA, M. R. N. da. **Resíduos sólidos urbanos**: um estudo voltado à prática educativa. 2001. 170 p. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – FC, Unesp, Bauru, 2001.

SOMMER, L. H.; SCHMIDT, S. Formação de professores e consumo: um debate necessário. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v.14, n.3, p. 215-221, 2010. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/524/128>. Acesso em: 28 ago. 2018.

SOUZA JÚNIOR, J. E. G de *et al.* Publicidade Infantil: o estímulo à cultura de consumo e outras questões. In: VEET, V. (coord.). **Infância & consumo**: estudos no campo da comunicação. Brasília: ANDI; Instituto Alana, 2009. p. 22-34.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TASCHNER, G. **Cultura, consumo e cidadania**. Bauru: EDUSC, 2009.

TRAJANO, N. C. M. O combate ao consumismo infantil e a escola enquanto espaço de educação para a sustentabilidade. **Pedagogia-Artigos Unifucamp**. Monte Carmelo, p. 1-15.



2018. Disponível em : <http://repositorio.fucamp.com.br/handle/FUCAMP/104>. Acesso em 25 fev. 2020.

TRIGUEIRO, A. **Mundo sustentável**: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação. São Paulo: Globo, 2005.

UHMANN, R. I. M.; VORPAGEL, F. S. Educação Ambiental em Foco no Ensino Básico. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, v.13, n. 2, p. 53-68, 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/12989>. Acesso em: 02 ago. 2019.

ZECCHIN, G. B. **Educação para o consumo**: a ação docente em destaque. 2017. 75 p. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – UPM, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/3230/5/Gabriel%20Bezerra%20Zecchin.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2020.

ZEICHNER, K. M. Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 535-554, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 11 abr. 2020.

## APÊNDICE 1 – Roteiro de entrevistas das docentes e da equipe gestora

**Roteiro de entrevista semiestruturada – Professor 5º ano Ensino Fundamental**

- 1- Fale um pouco de você. Sua idade, nacionalidade, o que te levou a se tornar professor?
- 2- Qual a sua formação? Quando e em qual instituição se formou? Possui algum curso de pós-graduação? Qual?
- 3- Há quanto tempo você exerce a função de professor? E na rede estadual? E nessa escola?
- 4- Você já ouviu falar sobre a temática consumismo infantil? Explique o que você entende por essa temática.
- 5- Você observa ou já observou situações consumistas entre os alunos da escola? Em quais circunstâncias?
- 6- Você trabalha a temática consumismo com seus alunos? De que maneira?
- 7- Você se sente preparado para trabalhar essa temática do consumismo infantil com seus alunos?
- 8- Há algum projeto na escola para conscientização dos alunos ao consumo responsável? E sobre a temática ambiental?
- 9- Relacionando o consumismo com a questão ambiental, em sua opinião, os alunos tem consciência dos danos causados ao ambiente derivados do consumismo?
- 10- Há alguma prática ou trabalho em relação à Educação Ambiental na escola?
- 11- Há algum documento, proposta curricular que orientem vocês professores em relação ao trabalho com Educação Ambiental?
- 12- Palavra aberta. Gostaria de fazer alguma outra contribuição ou comentário?

**Roteiro de entrevista semiestruturada – Equipe Gestora**

- 1- Fale um pouco de você. Idade, nacionalidade.
- 2- Qual a sua formação? Quando e em qual instituição se formou? Possui algum curso de pós-graduação? Qual?
- 3- Há quanto tempo você exerce essa função na rede estadual? E nessa escola?
- 4- Você já ouviu falar sobre a temática consumismo infantil? Explique o que você entende por essa temática.
- 5- Você observa ou já observou situações consumistas entre os alunos da escola? Em quais circunstâncias?
- 6- Há algum projeto na escola para conscientização dos alunos ao consumo responsável? E sobre a temática ambiental?
- 7- Os professores da sua escola trabalham a temática consumismo com os alunos? De que maneira?
- 8- Relacionando o consumismo com a questão ambiental, em sua opinião, os alunos tem consciência dos danos causados ao ambiente derivados do consumismo?
- 9- Você conhece documentos que orientam o trabalho da escola, da gestão e/ou dos professores, para trabalhar com a temática consumismo infantil?
- 10- Palavra aberta. Gostaria de fazer alguma outra contribuição ou comentário?

## APÊNDICE 2 – TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
Programa de Pós-graduação Profissional em Educação  
Mestrado Profissional em Educação.



(Professores)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

**Título provisório: A temática do consumismo infantil nos anos iniciais do ensino fundamental de escolas estaduais de São Carlos**

**INVESTIGADOR DO ESTUDO: Isabel Cristina Alves Cardoso Lamana - (UFSCar).**

Convido você a participar deste estudo da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob a linha de pesquisa: Processos Educativos: Linguagens, Currículo e Tecnologias. Este estudo é coordenado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE), e orientado pela Profa. Dra. Juliana Rink docente do Mestrado Profissional em Educação da UFSCar.

Este termo de consentimento explica por que este estudo de pesquisa é realizado e qual será a sua participação caso aceite o convite. Este documento também descreve os possíveis riscos relacionados à sua participação neste estudo. Após analisar estas informações com a pessoa responsável pela sua inclusão neste estudo, você deve ter o conhecimento necessário para tomar uma decisão esclarecida sobre participar ou não.

**OBJETIVO DO ESTUDO:** investigar a presença e o trabalho com a temática consumismo infantil por professores dos anos iniciais de escolas de ensino fundamental do município de São Carlos.

**DESCRIÇÃO DO ESTUDO:** trata-se de uma pesquisa que envolverá estudo de caso múltiplo, acerca da temática consumismo infantil nos anos iniciais do EF, em escolas de São Carlos.

**PROCEDIMENTOS:** A coleta de dados do estudo envolverá entrevistas semiestruturadas que tem como objetivo coletar dados de docentes efetivos e atuantes do 5º ano do Ensino Fundamental e alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. As entrevistas serão tabuladas e categorizadas e posteriormente analisados à luz de referencial teórico da área. Haverá a confecção de diário de campo por parte da pesquisadora, a partir das situações acompanhadas nas visitas às escolas. Também serão analisados documentos como PPP, planos de aulas e outros correlatos.

**RISCOS E DESCONFORTOS:** Toda pesquisa que envolve seres humanos também leva em consideração potenciais riscos físicos, psíquicos, morais, intelectuais, sociais e/ou culturais. Na aplicação da entrevista, alguns participantes poderão sentir um desconforto ao relatar dados pessoais, todavia, a resposta a uma ou mais questões é de caráter facultativo e o participante poderá interromper a entrevista a qualquer momento. Para minimizar esses possíveis desconfortos, medidas como a escolha do local e horário para fazer a entrevista serão tomadas em conjunto com os participantes e ressalta-se que a qualquer momento você poderá desistir da sua participação. Ainda, reitera-se que a Universidade Federal de São Carlos possui serviço de atendimento psicológico, caso algum participante se sinta emocionalmente prejudicado decorrente a sua participação na pesquisa. Neste sentido, caso da ocorrência de algum eventual dano (físico, psíquico, moral, intelectual, social, cultural, espiritual etc.) não previsto, será oferecido a possibilidade de indenização dos possíveis prejuízos.

**BENEFÍCIOS ESPERADOS:** com a coleta de dados, este estudo poderá contribuir para a educação ou para a sociedade em geral; buscando analisar o consumo infantil e como a temática é trabalhada nas escolas.

**INTERRUPÇÃO DO ESTUDO:** este estudo poderá ser encerrado antes do prazo se houver razões administrativas ou relativas às condições de segurança dos envolvidos. Qualquer que seja o motivo, o estudo somente poderá ser interrompido depois da avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos UFSCar.





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
Programa de Pós-graduação Profissional em Educação  
Mestrado Profissional em Educação.



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA (Equipe Gestora)

**Título provisório: A temática do consumismo infantil nos anos iniciais do ensino fundamental de escolas estaduais de São Carlos**

**INVESTIGADOR DO ESTUDO: Isabel Cristina Alves Cardoso Lamana - (UFSCar).**

Convido você gestor a participar deste estudo da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob a linha de pesquisa: Processos Educativos: Linguagens, Currículo e Tecnologias. Este estudo é coordenado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE), e orientado pela Profa. Dra. Juliana Rink docente do Mestrado Profissional em Educação da UFSCar.

Este termo de consentimento explica por que este estudo de pesquisa é realizado e qual será a sua participação caso aceite o convite. Este documento também descreve os possíveis riscos relacionados à sua participação neste estudo. Após analisar estas informações com a pessoa responsável pela sua inclusão neste estudo, você deve ter o conhecimento necessário para tomar uma decisão esclarecida sobre participar ou não.

**OBJETIVO DO ESTUDO:** investigar a presença e o trabalho com a temática consumismo infantil por professores dos anos iniciais de escolas de ensino fundamental do município de São Carlos.

**DESCRIÇÃO DO ESTUDO:** trata-se de uma pesquisa que envolverá estudo de caso múltiplo, acerca da temática consumismo infantil nos anos iniciais do EF, em escolas de São Carlos.

**PROCEDIMENTOS:** A coleta de dados do estudo envolverá entrevistas semiestruturadas que tem como objetivo coletar dados da equipe gestora. As entrevistas serão tabuladas e categorizadas e posteriormente analisados à luz de referencial teórico da área. Haverá a confecção de diário de campo por parte da pesquisadora, a partir das situações acompanhadas nas visitas às escolas. Também serão analisados documentos como PPP, planos de aulas e outros correlatos.

**RISCOS E DESCONFORTOS:** Toda pesquisa que envolve seres humanos também leva em consideração potenciais riscos físicos, psíquicos, morais, intelectuais, sociais e/ou culturais. Na aplicação da entrevista, alguns participantes poderão sentir um desconforto ao relatar dados pessoais, todavia, a resposta a uma ou mais questões é de caráter facultativo e o participante poderá interromper a entrevista a qualquer momento. Para minimizar esses possíveis desconfortos, medidas como a escolha do local e horário para fazer a entrevista serão tomadas em conjunto com os participantes e ressalta-se que a qualquer momento você poderá desistir da sua participação. Ainda, reitera-se que a Universidade Federal de São Carlos possui serviço de atendimento psicológico, caso algum participante se sinta emocionalmente prejudicado decorrente a sua participação na pesquisa. Neste sentido, caso da ocorrência de algum eventual dano (físico, psíquico, moral, intelectual, social, cultural, espiritual etc.) não previsto, será oferecido a possibilidade de indenização dos possíveis prejuízos.

**BENEFÍCIOS ESPERADOS:** com a coleta de dados, este estudo poderá contribuir para a educação ou para a sociedade em geral; buscando analisar o consumo infantil e como a temática é trabalhada nas escolas.

**INTERRUPÇÃO DO ESTUDO:** este estudo poderá ser encerrado antes do prazo se houver razões administrativas ou relativas às condições de segurança dos envolvidos. Qualquer que seja o motivo, o estudo somente poderá ser interrompido depois da avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos UFSCar.

**LIBERDADE DE RECUSA:** a sua participação neste estudo é voluntária. Você pode aceitar participar



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**Programa de Pós-graduação Profissional em Educação**  
**Mestrado Profissional em Educação.**



do estudo e depois desistir a qualquer momento. Também poderá ser solicitado a qualquer momento que as suas informações sejam excluídas completamente deste estudo.

Se decidir interromper a sua participação no estudo, recomenda-se para sua segurança conversar primeiro com o pesquisador para que assim ele possa esclarecer dúvidas pendentes.

**GARANTIA DO SIGILO:** a Universidade Federal de São Carlos e a pesquisadora responsável tomarão todas as medidas para manter suas informações pessoais em absoluto sigilo. Durante todo o estudo e mesmo depois do encerramento, quando os resultados da pesquisa forem publicados em revistas científicas ou em congressos científicos, a sua identidade será guardada em segredo, não sendo revelada publicamente.

**CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO:** a participação neste estudo não terá custos para você. Todos os gastos relacionados diretamente com a pesquisa serão de responsabilidade da pesquisadora principal. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido à sua participação (mesmo que haja patentes, produtos ou descobertas que possam resultar da sua participação na pesquisa).

#### **OUTRAS INFORMAÇÕES**

- Você será informado(a), caso ocorra, de novas descobertas que podem afetar sua vontade de continuar a participar no estudo.
- A Universidade Federal de São Carlos e os professores podem se beneficiar da sua participação e/ou do que se aprender no estudo.

**ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS, CRÍTICAS E RECLAMAÇÕES:** você pode tirar qualquer dúvida sobre o estudo com pesquisadora, Profa. Isabel Cristina Alves Cardoso Lamana, no telefone (xx) xxxxxxxxxx ou ainda por meio do e-mail: xxxxxxxxxx

### **DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO**

Entendi o estudo apresentado que tem como objetivo investigar a presença e o trabalho com a temática consumismo infantil por professores dos anos iniciais de escolas de ensino fundamental do município de São Carlos. Tive a oportunidade de ler, de pensar, de fazer perguntas e de falar a respeito do documento quando precisei.

Ao assinar este termo de consentimento, não renuncio a nenhum dos meios direitos legais. Autorizo a minha inclusão neste estudo por meio de resposta ao questionário e/ou entrevista.

Receberei uma cópia assinada desta declaração de consentimento. Estou ciente que minha identidade e respostas relativas ao questionário e/ou entrevista será mantida em anonimato.

Iniciais do(a) participante \_\_\_\_\_

_____	____/____/____	_____
Nome por extenso do participante	Data	Assinatura

_____	____/____/____	_____
Nome por extenso da pesquisadora	Data	Assinatura